O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 29 DE MAIO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:362

Morte ou vida

Estamos escrevendo este artigo na vespera da chegada do rei D. Manuel. E', portanto, natural que já esteja resolvida a crise politica á hora de ser publicado o *Povo de Aveiro*. E dizemos *natural* porque todas as indicações são no sentido de que o ministerio não quer ir ás camaras, persistindo a sua espantosa, a sua vergonhosa, a sua inqualificavel covardia.

Esta miseravel attitude do governo é uma das demonstrações mais eloquentes, que teem apparecido n'esta terra, do valor moral das quadrilhas. E' a prova provada de que a politica é um simples modo de vida para os infames politiqueiros. Mas modo de vida facil, sem perigos, e, até, sem incommodos. Os antigos quadrilheiros, os que sahiam de arma ao hombro á estrada, ganhavam pouco e arriscavam muito. Estes bandidos politicos de agora ganham muito e não arriscam nada. Foi a *mudança* dos tempos! Foram os *progressos* da civilisação! Se olharmos a vida da humanidade em geral, e a d'este paiz em especial, veremos que, *em toda ella*, não foram outros os resultados da *libardade* nem da civilisação. Mudámos de nomes, de processos, de instituições. A immoralidade, a injustiça, a iniquidade persistiu, no fundo, mais extensa, mais grave, mais horrorosa do que era.

Apontam-se os nomes dos ministros mais renitentes em abandonar o ministerio. Não os queremos indicar ainda, com os commentarios que merecem. Não faltará quem o faça depois dos factos consummados. E não deixaremos nós tambem de o fazer. Mas o que podemos dizer desde já é que são d'aquelles que mais teem aproveitado com a politica. Um d'elles ganha, ao que se diz, 14, 15 ou 16 contos de reis annuaes. Não passaria do seu pobre soldo de official do exercito, com a magra gratificação da commissão que exercesse, se não se houvesse envolvido na politica. Metteu-se na politica, conseguiu todos os benesses, obteve todas as conezias, ganhou honras e considerações, satisfez a vaidade e a barriga, sempre tido por muito *boa pessoa*, por *angelica creatura*, e, chegado o momento do perigo, elle ahi vae, para confirmar que realmente . . . é uma *boa pessoa*, uma *angelica creatura*.

O momento do perigo! O momento do perigo, não. Uma hora incommoda. Simplesmente.

Eis, pois, a moral do conto. E eis a moral do conto porque não se trata de um caso excepcional, mas d'um caso geral. Com estas ou aquellas manifestações, com apparencias mais decorosas ou menos decorosas, fingindo maior ou menor coragem, no fundo todos os quadrilheiros politicos são aquillo. Uns comedores. Uns simples comedores. E, como simples comedores, accommodaticios, egoistas, profundamente egoistas, para quem a vida se cifra n'isto: lucrar, aproveitar, gosar. Dar, nada. Receber, tudo. Digestão descançada, como a da giboia. Se lhes crearem embaraços, elles deslisam, como a serpente, á cata da presa em melhores condições de segurança e de . . . commodidade.

São os peores bandidos. São os mais funestos parasitas da humanidade. São a lepra social por excellencia. O crime do crime. A miseria das miserias humanas.

E atreviam-se, os pulhas, a falar de João Franco e de D. Carlos! E atrevem-se a falar da reacção, os canalhas!

Ha pouco, descrevendo-nos a torpe especulação que foi no Porto o cortejo civico em honra de Herculano, escreviam-nos d'aquella cidade:

Hoje não pode haver illusão: ou se está de um lado, com os que — sejam quaes forem as suas ideias religiosas ou politicas — entendem que é necessario atravessar um dique a esta perigosissima corrente de dissolução da sociedade portugueza, ou se está do outro, dentro d'essa mesma corrente, que clamando por uma patria nova, apenas tenta anniquilar tudo quanto de organico e fundamental é necessario para a constituição d'uma nacionalidade.

Abram bem os olhos os irreflectidos que pretendem tomar postos intermedios, os que pregam, dizendo-se conservadores, contra as classes e instituições que são a unica força respeitavel, a unica! do campo conservador.

« Abaixo a reacção! » clama-se. Mas observo a mim mesmo que em Portugal não existem nem tendencias, nem movimentos, nem perigos reaccionarios. Existe clero, como é conveniente que exista, mas reduzido ao seu papel religioso, com a sua influencia limitada ao que é justo, com os seus antigos excessos de preponderancia corrigidos. Quem escreve estas linhas nem sequer é catholico. E, todavia, nunca sentiu os seus direitos de cidadão ou a sua dignidade de homem livre, affrontados pelo clero, nem pelos jesuitas, nem pelas irmãs da caridade. Contra que perigo se clama então? Contra um perigo imaginario, contra um perigo inventado, contra um perigo que não existe para a sociedade em que vivemos.

Não obstante, atraz d'essa utopia, atraz d'esse disparate, correm muitos conservadores, ajudando á maravilha a obra republicana, que poderia ser boa, mas que entre nós está actualmente reduzida a uma obra nefasta de dissolvencia politica e social.

Se a vasa republiqueira investe especialmente contra o clero é porque comprehende que é n'elle que se encontra a verdadeira e unica força collectiva, com disciplina, do arraial conservador, força que é o obstaculo invencivel ao triumpho das suas idéas d'anarchia e da sua propaganda dissolvente. Grita-se, portanto, contra a reacção e contra a clericalha, porque é a unica audacia que á propaganda oppõe propaganda energica, systematica e ordenada.

Ora, seduzidos pelo significado superficial dos termos liberdade e reacção, muitos conservadores incautos ou de poucas luzes lá se vão na onda, tambem, contra a « reacção » e pela «liberdade», sem se lembrarem — os patetas — de que atiçam o fogo que os ha de devorar e de que em Portugal, fóra do campo economico, pelo menos, já temos todas as liberdades codificadas de que dispõem os povos modernos mais cultos e avançados, inclusivamente uma liberdade e uma tolerancia religiosa quasi sem egual, contra a qual não existe por parte do clero nem dos catholicos o menor espirito de reacção.

Isto é assim, rigorosamente assim. Não ha nega-lo. E cem vezes o temos dicto, pela nossa parte.

Não ha nenhum espirito democratico n'esses tratantes que dizem combater contra a reacção. Nenhum d'elles é livre pensador, nem quer, nem quiz, jámais, saber, como homem convicto e honrado, do livre pensamento. Alpoim, esse brejeiro—tanta vez o temos dicto—que anda para ahi, no *Janeiro*, a fazer jogo *eleiçoeiro* todos os dias, contra o *clero reaccionario*; é o que pedia dispensa ao Papa, de magro, em dia de jejum, perdão por se ter batido em duello, e o que ajudava á missa na Nunciatura. E' o tratante que fulminava as scisões dos partidos hespanhoes, *como prejudiciaes á monarchia*, e que recommendava a D. Carlos que não deixasse entrar deputados republicanos na camara, defendendo-se da republica por todos as formas e processos.

Esse rival do Borracho no *bayardismo* nacional, disputando-lhe a primasia de *chevalier sans peur et sans reproche*, que se chama João Pinto dos Santos, manda educar os filhos pelos jesuitas e a familia seguir as indicações espirituaes dos padres de S. Luiz, para não afugentar as heranças das parentas ricas, que são beatas.

Esse n.º 1 gatuno, ladrão, canalha, que dá pelo nome de Affonso Costa, manda os filhos e a familia receber os sacramentos religiosos á Egreja. E bem assim o famoso charlatão e singularissimo velhaco conhecido em profano por *Calcinhas* e Bombardino Rachado.

Se os padres fossem d'elles, o clero seria a primeira e mais benemerita instituição da terra portugueza. Elles não odeiam o clero, como não odearam o franquismo, senão por ser o clero, como o franquismo, uma força honesta, organisada, com disciplina moral, a favor da ordem em Portugal.

Não se pode negar que o franquismo —nunca elles o negaram, não chegou a tanto, ainda, a sua audacia desavergonhada — era constituido por uma pleiada enorme de homens honestos. A disciplina e a força moral d'esses homens era tamanha, que se teem conservado unidos, excepção feita de meia duzia d'especuladores, apesar da guerra atroz que lhe moveram em cima da morte de D. Carlos, e do desastre tremendo, que representou para elles, tirando-lhes por momentos toda a esperança do poder, a tragedia do Terreiro do Paço.

Por ser uma força palpavel e corajosa, disciplinada, disposta a combater pela moralidade publica e pela ordem, é que se uniram contra elle, contra João Franco, que o encarnou, contra D. Carlos, resolvido energicamente a apoia-lo, todos os bandoleiros, todos os arruaceiros, todas as quadrilhas politicas que infestam e sugam esta patria desgraçada.

Por o clero ter tomado uma attitude energica depois da morte de D. Carlos, é que se desencadeou contra elle essa tormenta que ahi vae. E por o exercito ser ainda outra defesa da ordem, é que o odeiam a valer, embora deante d'elle encolham as garras, receosos.

Aos bandidos não conveem senão os accommodaticios, os *transigentes*, os conciliadores, os comedores, os traidores, os covardes, como os d'esse ignobil ministerio que ahi está, se a esta hora já não tiver chafurdado na lama em que vem apoiando os pés de barro. De forma que não ha duvida nenhuma que tudo se resume n'esta terra em defender a ordem ou favorecer a desordem. A attitude miseravel do ministerio progressista veio tornar mais nitido o dilemma e mais agudo o problema.

Aqui já não ha partidos, já não ha opiniões politicas, nem religiosas. Momentaneamente, não ha nada d'isso. Ha só o problema da ordem. Haja monarchia, haja republica, o paiz afunda-se com esta desordem terrivel, esta anarchia pavorosa, que permitte e favorece todas as immoralidades e todas as audacias dos bandidos sem pudor, ou se digam republicanos, ou se digam monarchicos. Por isso quem é partidario do restabelecimento da ordem, da disciplina social, da seriedade nas coisas publicas, como primeira e indispensavel condição da existencia da nacionalidade, vae para um lado, seja republicano, seja monarchico, seja crente, e crente catholico, protestante ou judeu, seja livre pensador. E os arruaceiros, os desordeiros, os que se riem de todos os principios constitutivos da ordem, das sociedades, das nacionalidades, os que collocam acima de tudo os seus interesses de facção ou os seus interesses individuaes, vão para outro lado.

Não ha, não pode haver, em Portugal, outros partidos, n'este grave, gravissimo, momento historico. Um dos mais graves da nossa historia.

Só se está doido!

Diz-se que Venceslau de Lima continua a trabalhar, com a *sua alta influencia no Paço*, para um novo ministerio . . . makavenko. Só estando doido varrido, o rei não verá:

1.º Que se João Franco tem mais um boccadinho de energia, e seu pae, o rei D. Carlos, mais um boccadinho de prudencia, as quadrilhas valem tão pouco em Portugal, que João Franco e D. Carlos, contra ellas todas reunidas, as tinham esmagado. Não ha duvidas, sobre isso, hoje, para ninguem.

2.º E tanto assim é, que as quadrilhas só n'um assassinato viram o meio de se salvarem.

3.º Que ficaram, ainda assim, tão anniquiladas, que nenhuma d'ellas se atreveu a assumir o poder directamente.

4.º Que os republicanos só pela cumplicidade do Makavenko e fraqueza de todos os quadrilheiros monarchicos *voltaram a si* dos golpes que João Franco começara a dar-lhes, e que seriam tremendos sem a morte de D. Carlos.

5.º Que os republicanos teem tanto a ganhar com ministerios fracos, que, apesar do actual ministerio ser fraquissimo, empregam todos os esforços para o derribar, só porque não tem com elles cumplicidade e dá ao juiz d'instrucção *plena liberdade*.

6.º Que continuando o juiz d'instrucção em *plena liberdade*, e com um ministerio que os aperte um *boccadinho*, que não transija com elles, que lhes não esteja preso por quaesquer cumplicidades, os republicanos luctarão com *enormes difficuldades*.

7.º Que o rei não terá culpa se os sete poltrões, que estão no ministerio, se deitarem, covardemente e imbecilmente, do poder abaixo. Mas com culpa ou sem culpa, será o rei o primeiro a pagar o regimen de desordem que ahi vae.

Cuidado, Senhor! Redea tesa e deixe-os falar!

O N.º 5

Escrevem-nos d'Odivellas a dizer-nos que o n.º 5 anda agora *muito augmentado*. Que comprou a propriedade do sr. Victor Augusto Gomes da Encarnação.

O quê? Isso é peta. Não acreditamos. O correrpondente quer-nos lograr.

O n.º 5? Pois roubou tanto, tanto, ao Leandro, que ainda lhe cresceu, de todas as suas devassidões, prodigalidades, vicios, extravagancias, dinheiro para comprar uma quinta?!

Então quanto roubou elle ao Leandro? Se isso é verdade, então a fortuna do Leandro transferiu-se, inteirinha, para o papo do malandro. E d'outros malandros como elle. Do foro . . . e da imprensa. Mas a parte do leão, é claro . . . foi para elle!

Que grande malandro! Que grandissimo malandro!

O Leandro lá ficou condemnado, definitivamente! O Supremo Tribunal negou a revista. Lá fica, coitado, na Penitenciaria . . . até vir a republica. Porque em vindo a republica, será fartamente recompensado. Sahirá da Penitenciaria, para se ir sentar á mão direita do Bernardino, com a aureola santa e nobre do martyrio.

Na procissão do desaggravo, será o segundo. A' frente, o Djalme, com o n.º 1, seu patrono, a tocar a tuba formidanda da justiça. Depois . . . elle. Com o n.º 2 e o n.º 5 a entoarem-lhe, pelo caminho, a hosanna das virtudes. Eis aqui o martyr! Eis aqui o justo!

E, afinal, não será equitativa o diabo da republica? Se o n.º 1 é um glorioso, porque ha de ser reprobo o Djalme? Se os n.º 2 e 5 são honrados e eminentes cidadãos, porque não ha de ser, de facto, um homem de bem esse Leandro?

Elle deitou o fogo á casa da Magdelena, fogo que devorou dezeseis ou dezoito pessoas. Mas o n.º 5, em paga, deitou-lhe o fogo á casa d'elle. E quantas pessoas, mulher, filhos, creaturas innocentes, não devorou este incendio, não menos criminoso que o outro?

O Leandro vae morrer, talvez, na Penitenciaria. Ainda que não morra, lá cortirá, sabe Deus quantas dores e quantas amarguras. Mas o n.º 5 tem gosado, com o seu dinheiro, uma vida de prazeres, de folias, de orgias. Mas o n.º 5 compra agora a quinta d'Odivellas, a ser certo o que nos diz o correspondente, com o resultado do incendio que botou á fortuna do Leandro. Pobre Leandro! Elle na Penitenciaria, esmagado, maldito, fulminado! E o outro, deputado, grande tribuno, acclamado, victoriado, transportado, ovante, no carro da gloria!

Já aqui veio hoje (terça-feira) *passear d'automovel*, diz-nos o correspondente, *com* **as suas duas senhoras**. Tem senhoras aos pares, o malandro, ao passo que o Leandro ha de cavalgar n'um pau, na cella da Penitenciaria, se, por misericordia, um pau lhe derem!

Vinho não falta, continua o correspondente. *A quinta tem uma grande vinha e mesmo na adega ha muito vinho.*

E o pobre Leandro a beber agua . . . na cella triste da Penitenciaria!

Francamente: não temos o coração bondoso do Antonio José d'Almeida; mas começamos a ter pena do Leandro. E agora vemos que o Cunha e Costa tinha razão. Tinha, tinha! Ao pé dos grilhetas da republica, o Leandro ainda era . . . um *homem de bem*.

Pobre Leandro! Coitadito!

Pague, seu malandro!

Lemos no *Portugal*:

Trem de borla

Queixou-se hontem, (21) no juizo d'instrucção criminal, o sr. Aquilino Soares Garcia, dono do trem de praça n.º 192, morador na rua José da Silva Carvalho, pateo do Geraldes, de que a sr.ª **Margarida das Flores, moradora na travessa do Alecrim, 3,** *e uma tal Emilia, moradora na Praça de Camões, 36, 4.º, esquerdo, depois de andarem no seu trem durante tres horas, recusaram-se depois a pagar a importancia respectiva, burlando-o por esta forma.*

Pague, seu França Borges, seu *souteneur*, seu malandro! Essa mulher matou-lhe a fome. Essa mulher teve-o por conta uns poucos d'annos. Pague-lhe agora as dividas, seu malandro! A Emma não vale mais do que ella. Não seja todo o dinheiro para a Emma, que o despreza, que profundamente o despreza, no fundo, seu malandro! A Emma explora-o, simplesmente, seu malandro. Ao passo que a Margarida teve por você um fraco muito grande.

Você não deve nada á Emma. E a ella, á Margarida, deve-lhe tudo. E não lhe deve só a vida de *souteneur*. Deve-lhe, tambem, essa vida porca de jornalista-Palma Cavallão.

Pague, seu malandro!

O Congresso Nacional

Reuniu-se ha dias o *Congresso Nacional*. Não li todos os dias, — não tive vagar para isso, nem enthusiasmo—os extractos das sessões. Mas do pouco que li, vi, com amargura, que persiste a falta de plano, de methodo, de objectivo, de senso, de tenacidade, de energia, que constitue a fraqueza, a enorme fraqueza, da intelligencia e do caracter nacional.

Appareceu quem falasse bem. E' certo. Quem se mostrasse, mesmo, conhecedor de certos assumptos debatidos. Mas dir-se-hia que falaram todos, ou quasi todos, mais para *ostentar conhecimentos*, para provar *que sabiam*, que para conseguir uma vantagem real, um fim de utilidade pratica.

Esta foi a nossa impressão, e deveria ter sido, tambem, a dos proprios congressistas atilados. Porque se muita gente falou, pouca demonstrou verdadeiro saber e menor deveria ser o numero, ainda, dos que *teem a cabeça no seu logar*.

Do *Congresso* não sahiu uma conclusão séria. Um facto positivo. Uma obra real. Nada. Quasi toda aquella cambada alli foi só para *verborrear e ostentar conhecimentos*. De tudo se falou. De tudo! Sobre tudo se *verborreou*. Com muitos applausos e abraços. O eterno pedantismo e futilidade da corja, que se empoleirou á frente dos *destinos da patria*, e donde não sahirá nem a chicote! Mas, de resto, quanto a factos, quanto a obras . . . *tudo como dantes quartel general em Abrantes*.

Discursos e mais discursos! Mas se não é com discursos que se avança, mas com trabalho, e elles, sabendo papaguear, são inteiramente incapazes de trabalhar?

Assim, grita-se contra o alcoolismo. Affirma-se que o alcoolismo é um grande mal. E é. O alcoolismo alastra-se pavorosamente por toda a terra portugueza. Vae ser a ultima machadada, já o está sendo, n'esta raça bestialisada. Ora como se combate o alcoolismo? E' com discursos? E' com a verborreia a dizer maravilhas sobre o mal do alcoolismo e o que lá fóra se tem feito contra o alcoolismo? Isso é bom. Mas serve, sobretudo, para dar reputação a idiotas. Para fazer correr, constar, que o idiota A e B são homens de *grande capacidade*. Uns talentos! Para elevar esses idiotas a deputados da republica e a ministros da monarchia. Para isso, serve. Isto é, para augmentar os parasitas, a piolheira, que chupa a carne e os ossos a esta terra exgotada. Mas não serve para mais nada. Porque basta que os vinhateiros e os taberneiros *façam gesto* de negar votos a este da republica ou áquelle da monarchia, para que os da monarchia e os da republica se apressem a deixar arder em alcool toda a raça portugueza.

Não houve senso nenhum, absolutamente nenhum, como o não ha nunca e em coisa alguma, na plantação da vinha em Portugal. Plantou-se vinha a torto e a direito. Como se nós tivessemos de fornecer vinho á Europa ou á America! Terras que produziriam mau vinho e que produziriam bom trigo, foram plantadas a vinha e não a trigo. A trigo ou a outras culturas. A vinha dava mais. Parecia dar mais. Promettia mais. Bastou! Surgiram as vinhas, como formigueiros, por esse paiz fóra!

O que se ha de fazer agora ao vinho? Emborca-lo pela bocca abaixo aos miseraveis. Ainda se ha de decretar o uso *do vinho obrigatorio*.

Agora o governo ou faz consumir o vinho que existe, ou leva-o mil diabos. Os productores de vinho não só o ameaçam com a urna, como o ameaçam com um desembarque de viticultores e trabalhadores do campo no Terreiro do Paço. E os Camachos e os Almeidas, que gramam os pulhas desavergonhados quanto mais os vinhateiros, os taberneiros e os trabalhadores do campo, marcham logo com os vinhateiros, os taberneiros e os agricultores, a assaltar a monarchia, para o Terreiro do Paço. E o governo, que se borra só com a ameaça de que o Affonso Costa e o Egas Moniz o recebem aos berros em S. Bento, deante dos agricultores, dos vinhateiros, dos taberneiros e dos arruaceiros, que, em nome da *libardade* e da *patria*, fazem causa commum com aquelles, *desfaz-se em caca*.

Nem sequer foi possivel conseguir que as tabernas se fechassem, em todo o paiz, aos domingos!

A campanha contra o alcoolismo é, como todas as campanhas contra grandes males, grandes males inveterados e ligando-se com interesses estabelecidos, uma campanha difficil. Exige propaganda, associações, medidas governativas, uma poderosa iniciativa individual ligada a uma poderosa iniciativa official, emfim, dinheiro, trabalho e muito trabalho, abnegação e muita abnegação, energia e muita energia, e senso pratico. Se tudo isso falta n'esta terra de mandriões, de egoistas, de covardes, d'incapazes, como se ha de resolver a questão do alcoolismo?

Resolve-se com os discursos dos congressos? Que nós nem sabemos, porque não lemos, repetimos, todos os extractos da pagodeira congressista, se lá se falou em tal assumpto.

O que se diz a respeito do alcoolismo, dize-se a respeito da carestia do pão. Temos, sobre cereaes, a lei mais *estupendamente iniqua* que ha no mundo. Por isso mesmo que é *estupendamente iniqua*, foi feita com o caracter de lei provisoria. Não podia ter outro. Era uma lei destinada a proteger o alargamento e a melhoria da cultura. Mais trigo e melhor trigo. Ora a cultura extendeu-se, não ha duvida, mas de modo algum em proporção com o que se esperava, e era devido ao caracter espantosamente protector da nova lei. A qualidade, porem, manteve-se,—senão é peor do que era,—detestavel. A agricultura não procurou a protecção nem auxilios nas varias associações agrarias. Na reforma das lei actuaes e na creação d'outras leis de fomento. Procurou-a e procura-a no exaggerado preço do trigo e n'uma

tyrannia infame. Que outra coisa não é o actual regimen dos cereaes senão uma terrivel lei d'excepção, um monstruoso privilegio, uma tyrannia infame.

Como se resolve esta questão? Pelos discursos dos congressos?

Só a pau!

Sim, só a pau. Quando ouvimos *verborrear* estes idiotas, vem-nos sempre a vontade irresistivel de os correr a pau.

Nunca um jornal da quadrilha republicana discutiu, em sentido de justiça e de verdade, a questão dos cereaes. Nunca um deputado republicano abriu sobre ella o bico no parlamento. Não que os lavradores são poderosos e elles querem votos! Mas falam a toda a hora na miseria do povo, na carestia das subsistencias, nos syndicatos, nos monopolios, nos privilegios, e na necessidade de de *levantar a raça*. Palavrões sobre os quaes giram todos os artigos de jornaes, todos os discursos de comicio, de club, de parlamento e congressos.

Farçantes! Eternos farçantes! Só a pau!

E' com a instrucção como é com o alcoólismo e com o pão. A iniciativa individual foi em todos os paizes cultos o grande propulsor da iniciativa official. Ao lado de opulentos burguezes que cediam centenas e centenas, milhares e milhares de contos, até, a favor da instrucção, mestres fanaticos, apostolos ardentes, que dedicavam toda a sua intelligencia e *todo o seu ser* a essa formidavel obra humanitaria e social. Ao lado das dadivas famosas dos ricos, o obulo dos pobres e dos remediados, unidos e reunidos em numerosas e famosas associações. Em Portugal, os da republica declaram *alto e bom som*, á parte a meia duzia de borracheiras escolares dos seus clubs, onde pouco ensinam a ler—uma gotta d'agua no oceano — e melhor seria que não ensinassem nada — escolas detestaveis que infiltram o odio de tudo quanto é nobre e levantado, o espirito d'intolerancia e de facção, a propaganda funesta, terrivel, da anarchia, da indisciplina, da desordem — áparte essas borracheiras, os da republica declaram que não vale a pena tratar d'instrucção, porque essa questão é insoluvel emquanto existir . . . regimen monarchico. E, de facto, os monarchicos acham pouco o dinheiro, como mais tarde os republicanos o hão de achar, para manterem as clientelas, sempre servidas e sempre ávidas de novos manjares, sempre fartas e sempre esfaimadas.

Só a pau!

Ha uma associação escolar? Não se fortalece essa associação. Cria-se, por vaidade propria ou occultos designios de interesses illicitos, outra associação, que ficando fraquissima deixa a outra mais fraca do que estava.

Ha um bom methodo d'ensino? Cem peidagogos, mil peidagogos, sabios, doutores, illustres e consagrados professores, apparecem a dizer que é mau, tendo cada um d'elles resolvido, por um *methodo novo*, a questão *primacial*. Vender cartilhas e figurar é o seu fito, o seu objectivo, senão exclusivo, capital.

Figurar e *colher*, eis o unico designio d'esta patria desgraçada. E a esse proposito obedecem todos os farçantes,— com raras excepções, porque entre elles lá apparece um ou outro raro homem intelligente e bem intencionado—todos esses farçantes que são *grandes jornalistas, grandes parlamentares, grandes professores e* grandes . . . *palradores de congressos*!

Crear nome . . . a falar. E, dêpois . . . encher o sacco.

Mas se não ha outros portuguezes? Então, dada a impossibilidade de vingar a minha receita—corre-los a pau—vingue a receita do Camacho: *é grama-los!*

—

Já estava composto este artigo quando chegou a *Carta Lisboeta*, que veio, esta semana, como a anterior, muito tarde.

Não, amigo, sobre exercito não li nada. Que disseram elles? Se vê que vale a pena, mande para cá. Mas a respeito do silencio que guardaram sobre o meu nome . . . nem vale a pena falar.

Fizeram-me insinuações? Combateram as minhas doutrinas e os meus processos, como mestre escola dos soldados? Mande para cá, que eu racho-os. Oh, se os racho! . . .

Mas se o mal foi só esquecerem-se de quem fez pela instrucção elementar do soldado o que elles *nunca seriam capazes de fazer*—nenhum d'elles—então . . . encolho os hombros e passo adeante.

A questão Hinton

LISBOA — 23 — V — 910.

. . . *Sr.*

Acabo de ver no seu muito apreciado jornal—*O Povo de Aveiro*—uma carta do Funchal, em 5 do corrente, relativa á questão Hinton. Vejo com surpreza que o seu signatario, sendo funchalense, o sr. *S.*, entende que a questão foi muito bem posta e tratada nas Cortes pelo tal *homem fino*, o *chanteur* Affonso Costa, de quem provavelmente é correligionario e amigo, que, apezar de *ser o que é* e *sem caracter*, é um *homem fino* e *por isso a sua maldade refina.*

Poderia deduzir-se do que fica transcripto que o tal *homem fino* com *maldade refinada* puzéra com *maldosa* e *refinada* velhacaria a questão em Cortes. Mas deixemos estas bacharelices e vamos ao facto da sobredita carta que me interessa:

. . . dão-se telegrammas falsos; escrevem-se cartas cheias de mentiras para a imprensa do continente, como succedeu com as cartas enviadas a V., uma de Lisboa, outra que um padre . . . etc.

Fui eu quem escreveu a tal carta de Lisboa e por isso venho pedir a V. a fineza de, por meio do seu jornal, convidar o sr. *S.* a analysar muito por miudo toda a minha carta—a tal carta de Lisboa—e mostrar com criterio, com uma analyse bem devida e por meio de conclusões bem logicas essas *mentiras* a que se refere.

Tambem conhecemos alguma coisa da questão Hinton, da Madeira, da sua vida, da sua agricultura, do seu commercio e da sua navegação e estimamos muito entreter com o sr. *S.* uma longa palestra sobre tudo quanto quizer e disser respeito á Madeira e á questão Hinton para vêr onde estão as *mentiras* da nossa carta.

Esperamos portanto que o sr. *S.* acceda amavelmente ao nosso convite, e venha expôr, como promette, *em termos claros e imparcialmente*, a questão, para depois a analysarmos sob o objectivo que nos preocupa: defender os interesses agricolas da ilha da Madeira sem prejudicar as suas industrias nem o seu commercio, a sua vida, em summa, e até então suspenderemos os nossos juizos sobre as *qualidade* do sr. *S.*, a quem não chamamos mentiroso senão depois de nos mostrar que o é.

De V. etc.

x.

Imbecis!

Teem-lhe doído! Ellas teem-lhe doído! Como sempre! Mas ultimamente, mais!

Na terça-feira, no *Diz-se*, publicava o orgão official da prostituição republicana, o *Cornetim da Margarida*:

Que é da rua dos Navegantes que sahe o dinheiro para uma esterqueira jornalistica de uma cidade proxima do Porto.

Que foram garantidas uma porção grande d'assignaturas, pagas por um argentario que frequenta o Paço dos Navegantes.

Que, já depois de levantada a questão do Credito Predial, foi um emissario a essa cidade, para estabelecer a campanha a respeito de aquelle Banco.

Que essa esterqueira jornalistica é hoje um agente lucianista, disfarçado e pago para isso.

Que os reaccionarios, gente do sr. José Luciano, é quem a sustenta.

Que chegam a ser distribuidos, por pessoas de familia do sr. José Luciano, exemplares d'essa esterqueira.

Que temos a este respeito informações que hão de causar sensação.

Que assim como provámos, com datas e documentos, actos indignos do famoso padre Mattos, pae do orfão Albino, suspenso das suas funcções pela sua devassidão e irregularidades, tambem havemos de provar que sahem do paço dos Navegantes dinheiro e emissarios para a esterqueira jornalisttca.

Isto foi na terça feira. Na quinta, voltava o *orgão* a *dizer:*

Que ha documentos provando serem as senhoras da casa do sr. José Luciano quem mais se interessa pela esterqueira jornalistica de uma cidade ao pé do Porto.

Que foram ellas quem concorreu para um conhecido argentario favorecer a esterqueira.

Que é a pedido seu que veem transcripções em jornaes progressistas.

Muito bem. Estamos contente!

Os leitores hão de ter notado que os malandros aturam, aturam, quanto podem. Nós damos, damos, a matar. E elles aguentam, coitados! Confrangem-se, ralam-se, mas róem-nas. Lá de longe em longe, porém, quando não podem mais —atirar com a albarda ao ar, quando a carga é muita, é burrical e é humano— teem uma expansão. E arrotam!

Mas, pulhas! somos ou não somos desqualificado? A primeira questão é essa. Se não somos desqualificado, os miseraveis são ridiculos a chamar-nos desqualificado a toda a hora. Se somos desqualificado, ridiculos são.

Como pode ter tanto valor um desqualificado que dá por elle dinheiro toda a gente? Como é que um desqualificado é creatura de tanto peso n'um paiz, que todos os governos e todos os partidos o querem comprar?

Nunca esperámos, francamente, que a *gloriosa redemptora*, e por intermedio do orgão do *grande parlamentar*, nos concedesse tamanha honra!

Como já vimos quando da questão do pulha do Borracho, nós estavamos vendido ao governo de Venceslau. Tão vendido, que era Venceslau e Cardeira, como nossos mandantes, quem Borracho desafiava para duello. Antes d'isso, tinhamos estado vendido a todos os governos e ao proprio rei. E agora estamos vendido aos progressistas e aos clericaes, em geral, e ao sr. José Luciano e ás pessoas da sua familia, em especial.

O' Borracho, ó malandro, ó pulha! O' Margarido, ó rufia, ó biltre! O' n.º 1, ó ladrão, ó devasso, ó canalha! Quereis ouvir? Se a algum de vocês se tivesse feito a guerra atroz que se nos tem feito a nós, ninguem vos comprava. Ninguem! Nenhum de vocês, privado de todos os recursos, como nós, destituido do seu cargo, como nós, em lucta com uma sociedade, fazendo frente, sósinho, a um partido que chegou a aterrar um paiz inteiro, tendo por unico instrumento de combate um semanario de provincia, nenhum de vocês, miseraveis, que viveis do mais porco réclame, d'um elogio mutuo abjecto, nenhum de vocês, pulhas, ladrões, devassos, chegaria a crear tamanha importancia que alguem precisasse de vos comprar! Miseraveis! Imbecis!

E comprado pela forma que se vê. Por dinheiro, por assignaturas e. . . por mais alguma coisa, sem duvida, se quizessemos!

Não é bastante sahir dinheiro, para nós, da rua dos Navegantes. Um argentario garante ainda uma porção grande d'assignaturas. Sendo pouco, ainda os reaccionarios nos sustentam. E exercemos acção tão decisiva na sociedade portugueza, que as senhoras leem o *Povo de Aveiro* delirantemente, escrevem ás suas amigas recommendando-lhes a leitura do *Povo de Aveiro*, e sahem emissarios de casa do sr. José Luciano para Aveiro, e para a redacção d'este semanario, como se nós fossemos o arbitro supremo dos destinos d'este povo. E para isto . . . nos desqualificaram! Donde se vê que a felicidade d'um homem em Portugal consiste . . . em ser desqualificado pelos republicanos!

A nossa ventura, a nossa riqueza, o nosso renome, a nossa influencia social veio d'esse facto que poderia e deveria ser . . . uma formidavel anniquilação.

Imbecis! Miseraveis imbecis!

Que as senhoras do Paço dos Navegantes leem e recommendam o *Povo de Aveiro!* Chamem-lhes tolas. Fazem ellas muito bem. Muito obrigado, minhas senhoras, muito obrigado. Muitissimo obrigado. E façam favor de continuar. Não descançem. Vossas excellencias já veem que é uma das coisas que mais arrelia a cafila republiqueira. Quanto mais leitores tiver o *Povo de Aveiro* mais elles desesperam. E' dar-lhe para a frente! Não desanimar.

Que o *Povo de Aveiro* é um *agente lucianista disfarçado.* Qual disfarçado? E' o raio que o parta, seu malandro! Aberto, franco, declarado! Qual disfarçado? José Luciano tem tremendas responsabilidades. Tremendas! Tem crimes, e crimes indesculpaveis. Mas você julga, seu malandro, que entre você e elle nós hesitamos? Nós?! Entre você e elle, ou entre o Affonso Costa e elle, ou entre o Cunha e Costa e elle, ou entre o geral da malandragem republicana e elle?! Você está doido, seu malandro! Mettido n'essa contingencia, n'essa dolorosa contingencia, nós somos dez vezes, com Credito Predial e tudo, pelo José Luciano.

Ora o idiota! O malandro!

E para terminar. Nós não nos importamos nada com as infamias que você vomita sobre nós. Nada! Não nos incommodam. Mas simplesmente para mostrar ao publico, mais uma vez, o seu valor moral, simplesmente para lhe quebrar essa dentuça de prostituto apodrecido, intimamo-lo a declarar qnem é o **argentario,** quem é o **emissario,** emfim, a pôr tudo em pratos limpos, provando, como promette, *o que diz.* E, entretanto, declaramos nós bem alto que lhe franqueamos a você, por mais pulha e safado que você seja, por mais desinfectantes que tenhamos de lhe pôr na passagem, ou a quem você quizer, **seja quem fôr,** o exame completo de toda a escripturação do *Povo de Aveiro.* Você pode vêr por ella a nossa tiragem, o numero e a qualidade das nossas assignaturas, as que o argentario arranjou, o dinheiro que aqui entrou, n'uma palavra, *tudo.* **Tudo!** Fazemos mais. Damos-lhe noticia minuciosa, completa, de todos os nossos haveres, da maneira porque os adquirimos, do local onde temos os nossos dinheiros. E se formos apanhado n'uma só mentira, n'uma só! se for encontrado algum haver, algum dinheiro, ou coisa que o valha, fóra das nossas indicações, e se não houver sido adquirido tudo com a maxima lisura, você cospe-nos na cara, você chama-nos pulha, você proclama-nos desqualificado, e somos nós o primeiro a confessar, desde já, aqui, perante todo o paiz, que nos ouve, que você, então, tem *carradas de razão e de justiça.*

E bem assim se não tornarmos effectiva esta promessa de lhe franquearmes a porta da nossa casa e da administração d'este jornal para o exame minucioso, rigoroso, a que, muito expontaneamente e de boamente, declaramos sujeitar-nos. Se o não fizermos, perante você ou seja perante quem fôr, da mesma forma damos licença a que nos considerem o ultimo dos pulhas.

Agora faça você o mesmo, infamissimo *souteneur*, se é capaz! Vamos, *maitre chanteur* ignobil! Faça o mesmo! Que o faça Affonso Costa, o ladrão da Companhia dos Phosphoros! Que o façam tantos outros bandalhos da republica, e nós nos compromettemos a proclama-los perante o juiz, penitenciando-nos, homens sérios, homens de bem, homens honrados!

E temos dicto.

Pois serão capazes?!

Lemos no *Cornetim da Margarida* que o ministerio deu ordem para se alargarem os alojamentos destinados á força militar que vae fazer guarda ás cortes, força que será commandada, durante as sessões parlamentares, por um official superior.

Ai rico ministerio! Pois será possivel? Pois o ministeriosinho ter-se-ha resolvido a metter na ordem os discolos?!

Será possivel?!

Se o fizer, *entra no futuro, pela porta larga da historia!*

Monte-Pio Geral e Credito Predial

Mandam-nos de Lisboa este boccadinho de prosa, que nós achamos excellente, e digno da attenção especial de todos os leitores:

Estes dois estabelecimentos symbolisam no momento actual, com uma exactidão photographica, toda a vida portugueza. Um — o Credito Predial — mostra-nos e retrata-nos o que é infelizmente a nossa administração publica. O outro — o Monte Pio — ensina-nos com eloquencia o que essa administração devia, e mais ainda, o que ella facilmente podia ser. No Credito Predial vemos homens politicos de nomeada, bem estipendiados, assignando de cruz, ou só se interessando pela vida interna do Banco quando d'ella poderam tirar qualquer proveito para beneficiar as suas clientelas. No Monte-Pio vemos homens de honradez incontestada mas de nome pouco assoprado pelas trombetas da fama, homens que não foram deputados ou ministros nem pretendem sel-o, exercendo gratuitamente as suas funcções e consagrando-se a ellas com uma competencia e um zelo de que falam bem alto a prosperidade e o credito d'aquelle admiravel estabelecimento. O Credito Predial diz-nos o que valem como adminstradores os politicos profissionaes, grandes homens consagrados no parlamento ou na imprensa, criticos severos de tudo o que não é obra propria, promettedores infatigaveis de maravilhosas e até milagrosas prosperidades a todos os que confiarem n'elles e lhes derem apoio.

O Monte-Pio demonstra-nos quanto é mais fecunda a obra de modestos anonymos, possuindo em consciencia o que lhes falta em vaidade, não aspirando a salvadores de coisa alguma, não se julgando auctorisados a criticar quem quer que seja, mas pelo contrario rigorosos comsigo mesmo, e pondo no cumprimento do proprio dever um escrupulo que outros só teriam para a apreciação dos actos alheios. O Credito Predial exemplifica-nos como é facil arruinar a empreza ainda a mais solida, quando as pressões politicas e as conveniencias, incuravel e universalmente egoistas, da lucta partidaria, se sobrepõem ao interesse geral e amollecem a rigidez das normas e regras de administração.

O Monte-Pio contraprova-nos essa verdade, dizendo-nos como attingiu o seu bem-estar graças á independencia em que sempre viveu de todos os governos, não lhes prestando nem lhes acceitando favores, escolhendo os seus empregados conforme os meritos que elles revelam e sem attenção pela influencia dos que os recommendam, poupando e amealhando o dinheiro alheio como se fosse proprio, e não o tratando como de ninguem por ser de todos. No Credito Predial vemos os accionistas dormir o somno da confiança cega, acabando por communicar a sua inercia aos proprios administradores em quem confiavam.

No Monte-Pio, bem diversamente, são os mandantes os melhores collaboradores e os mais assiduos fiscaes dos seus mandatarios. O Credito Predial é emfim a imagem do modo como se governam e administram os paizes como o nosso, onde a politiquice impera e a incompetencia domina. O Monte-Pio é o symbolo de outros pequenos paizes, prosperos e felizes, onde se faz administração em vez de politica, onde se apreciam os homens pelo que elles fazem e não pelo que elles dizem, onde a honestidade não é apenas a tolerancia fraca, passiva e portanto cumplice, mas sim a fiscalisação activa, incansavel, contagiosa, onde o desinteresse e a modestia são mais apreciados do que a ambição, a exhibição e a audacia, onde se olha á verdade dos resultados e não á apparencia das promessas, emfim onde ha juizo e espirito pratico, alem de saber, experiencia e capacidade.

Ao fazer este educativo parallelo, lembremonos de que são egualmente portuguezes os que fizeram do Crepito Predial mais um banco em más circumstancias, como tantos por esse mundo de Christo, e os que fizeram do Monte-Pio um estabelecimento modelar, que honra o paiz e que constitue a admiração de quantos estrangeiros o conhecem. Beneficios como os que o Monte-Pio efferece e garante aos seus pensionistas talvez nenhuma outra sociedade analoga na Europa esteja habilitada a concedel-os eguaes. Mas de surprezas desagradaveis como as que nos fez agora o Credito Predial, talvez sem culpa especial de ninguem mas por culpa certa de todos, estão cheias não só a Europa mas todas as partes do mundo.

E no emtanto os homens politicos do Credito nadam em gloria e pairam cheios de honras sobre as ruinas do que administraram. Os «pequenos» homens do Monte-Pio, esses é que se contentaram em fazer a felicidade dos seus mandantes sem d'ella tirarem qualquer proveito proprio, nem mesmo na moeda barata da celebridade.

Comparemos e imitemos. A lição é opportuna. Pensemos no que é Portugal governado por uns e no que seria Portugal administrado por outros. Até agora temos vivido muito peor do que o peor dos «Creditos Prediaes». Procuremos que a administração do paiz se pareça algum dia com essa realidade portugueza, tão honrosamente portugueza, que é a administração do Monte-Pio, onde se zela como deviam zelal-o os governos, o futuro e o pão dos nossos filhos.

Um accionista dos dois Bancos.

Grande pulha!

Uma associação monarchica resolveu, e muito bem, pedir ao ministro da marinha que este não consinta mais que Marinha de Campos, o bilontra que caloteou a creada e lhe penhorou as camisas e as saias, continue impunemente a injuriar na imprensa os altos poderes do Estado, a prégar a revolução e a fazer a apologia dos regicidas, lançando o odio e o desprezo sobre o cadaver de D. Carlos. E a isso responde o pulha, o grande pulha, n'um artigo a que põe o titulo de *baixesa* (o miseravel!) publicado no *Cornetim da Margarida*:

Mas ainda que o commissario naval (ladrão naval, é que é) *Marinha de Campos tivesse commettido qualquer delicto de imprensa, têlo-ia feito como jornalista, e já a estas horas teria sido querelado pelo "gabinete negro", como pitorescamente se chama á assembleia de magistrados judiciaes encarregada de perseguir criminalmente os que, segundo o criterio da reaccionaria lei vigente, abusam da liberdade de imprensa. Os delictos de imprensa são julgados por uma lei especial e por tribunaes especialmente constituidos conforme a natureza do delicto: o ministro da marinha não é chamado para o caso, tanto mais que os officiaes reformados como o commissario naval reformado* (ladrão naval, é que é) *Marinha de Campos, estão fóra da alçada dos tribunaes militares, a não ser que pratiquem qualquer crime «essencialmente militar„. De modo que a tal sociedade de denunciantes imbecis irá bater a uma porta falsa com a sua falsa accusação.*

Parece impossivel que não haja dentro do regime ninguem com tino e energia bastantes para enxotar (para te metter na ordem, malandro) *essas farandulagens de idiotas e de perversos, que pululam principalmente em Lisboa e no Porto, desde que o novo rei subiu ao thrôno, e que pretendem salientar-se seja como fôr, estupida ou vilmente, comtanto que se tornem reparadas para os effeitos das recompensas, que são o unico movel das suas reles acções. Parece incrivel que se permitta qualquer contacto entre o chefe do Estado* (chora-lhe agora, malandro) *ou o governo e uma malta sem cathegoria, que não passa de uma meuda parasitagem produzida pelo excesso de suor segregado pelo regime, em consequencia da sua doença, da febre que o escalda e da fraqueza que o prostra.*

Como tudo em Portugal se torna cada vez mais mesquinho para além das fronteiras da Democracia!

Que grande pulha! Que famosissimo pulha! E é este descaramento affrontoso, esta audacia cynica, este impudor de gaiato de prostituição nata, abrangendo todo o partido republicano em Portugal, que caracterisa essa cafila como a sucia mais repellente, mesmo hedionda, que tem vindo a esta terra!

Que bandalhos! Que bandalhos!

Para elles uma moral, sempre, differente da moral dos outros! O que nos outros é abjecto, é n'elles benemerito ou glorioso! O que nos outros é crime, n'elles é honra! O que nos outros é vicio, n'elles é virtude!

E não ha quem os enforque com ignominia, quem os fuzile summariamente contra um muro, quem os faça engulir, como a cães vadios, um bolo de strichinina!

Não foi, tambem, como jornalista, que o director d'este semanario *respondeu* ás injurias do immundo Borracho?

Que pulhas! Que malandros!

O immundo Borracho provoca-nos e, depois, denuncia-nos. Toda a malandragem applaude a denuncia do Borracho. Toda a malandragem pede, voz em grita, para o atrevido iconoclasta, um *castigo terrivel.* Toda a malandragem vocifera, apopletica de colera, por o ministro nos ter dado um mez, só, de prisão correccional. Mas, agora, Marinha de Campos que insulte um cadaver real, que affronte um rei vivo, que cuspa insolentemente na cara dos altos poderes do Estado. E que o respeitem no seu direito de... *honrado jornalista democrata!*

A chicote! A chicote! A chicote e a tiro. Elles não vão d'outra forma.

Que os officiaes reformados estão fóra da alçada dos tribunaes militares, a não ser que pratiquem qualquer crime *essencialmente militar!* Que besta! Pulha e besta! Então injuriar o rei, injuriar os representantes das instituições, prégar a revolução, não é, da parte d'um militar, crime essencialmente militar? Então o pulha do Borracho já está acima do rei? Hein? E que tal? O Borracho acima do rei! Os miseraveis tanto se acostumaram á impunidade e á adoração de si proprios, que ensandeceram de todo.

E a maneira porque elle fala das *farandulagens de idiotas e perversos?*

Chicote, sr. ministro da marinha, chicote para cima d'elle. Esses malandros, todos, já não vão senão a chicote. Mas se o não pode correr a chicote, ao menos cumpra o dever que lhe impõe a lei militar.

Na certeza, sr. ministro, de que não o largamos! Isso é que não largamos!

Então haviamos d'apanhar por causa d'elles, que nunca apanhámos por causa de *mais ninguem*, e haviamos de poupa-los? Só se fossemos idiota!

Não. Isso não.

Comnosco hão de contar.

Quem quer festa sua-lhe a testa.

—

Chega-me agora á tarde, sexta-feira, o *Portugal*, e por elle vejo que o pulha *se dignou* fazer-me uma referencia na *Associação dos Logistas.*

Ai sim?! Não sabiamos. Pois paga-a. Hoje não, que já está o jornal composto e completo. Mas no domingo, mettemos-lhe a fralda da creada pela bocca abaixo.

De Nenhures

27 de Maio.

Não, minha senhora. Não abandonei o assumpto. Não escrevi n'estes dois ultimos numeros porque não tive tempo e por falta de espaço no *Povo de Aveiro.* Entre os milhares de leitores d'este jornal ha duzentos ou trezentos que dão importancia a essas questões. Os outros, infelizmente, não fazem caso d'ellas. Quando eu trato aqui questões de pão, questões de instrucção, questões de educação, de moral, de psychologia, de philosophia, recebo numerosas cartas a dizerem-me: «Deixe lá isso. O *Povo de Aveiro* só nos interessa como *jornal de combate.*» Eu não vou n'essa corrente. Não estou disposto a ir n'essa corrente. Mas. . . a *corrente* é essa.

Eu não sou da opinião dos que querem só artigos de combate, nem da opinião dos que querem só artigos doutrinarios. Eu educo muito mais, e presto muito mais serviços a combater, do que a doutrinar. Se ámanhã a senhora se tornar possuidora d'um campo coberto de ortigas, de escalrachos ou de caracoes, o que faz? Qual é a primeira coisa que faz? Destruir os parasitas, não é assim?

A senhora tem um campo cheio de culturas. De bellas culturas. Mas surge uma nuvem de gafanhotos. O que faz? Procura destruir os gafanhotos. Não é verdade?

N'uma região cheia de bandidos, que assaltam de noite as propriedades, que destroem as culturas, lançando fogo ás searas e ao matto, que sahem á estrada a quem passa, ha tranquillidade, ha progresso, ha trabalho, se não se destruirem os bandidos? Não. A primeira coisa é destruir os bandidos. E' a questão capital. E' a questão essencial.

A minha qualidade principal, ha de notar a senhora, é ter um boccadito de senso, de juizo. E' ver claro onde muitos veem escuro. Eu não me deixo enredar em sophismas. Eu repillo proposições estupidas geralmente admittidas. Eu não acceito convenções asnaticas que constituem o evangelho d'uma sociedade sem intelligencia e sem caracter. E eu não vou, tambem, na corrente das innovações falsas.

Um homem que se entretenha a prégar aos peixes, emquanto os bandidos lhe assaltam a casa, é simplesmente parvo. Era precisamente a figura que eu faria se seguisse o conselho d'esses que me querem só . . . a doutrinar. Era fazer o jogo dos bandidos. Eu era um grande homem para os republicanos quando — e devo dizer que nunca o fiz senão por pequenos intervallos—me entretinha exclusivamente a *doutrinar.* Então proclamavam-me, com Bernardinos, Antonios Josés e Cabritos Machos á frente, não só o primeiro publicista como, até, o *primeiro jornalista.* Podera! Se eu fazia o jogo d'elles!... Se os deixava em paz na sua obra de banditismo infame!...

Quando incommodei eu os bandidos? Quando os feri de morte? Quando desatei a darlhes bordoada sem dó nem piedade. Pois então eis ahi o meu maior serviço á causa publica. Eis ahi a minha maior obra de doutrinação, de educação, de caracter. Qual é o objectivo principal da educação? Formar o caracter. E como se ha de formar o caracter sem castigar o criminoso e fulminar o vicioso? A unica maneira de formar o caracter é levar a razão e o sentimento a repellir energicamente, a condemnar *seriamente* a mentira, a hypocrisia, a traição, o vicio, o crime, a immoralidade. E' intuitivo. E' como a verdade dos *dois e dois são quatro.*

E', porem, inseparavel da obra d'educação a obra de instrucção. Ao mesmo tempo que se produz a indignação da razão e do sentimento contra a obra dos charlatães e dos tratantes, é necessario preparar a intelligencia para a obra da reconstituição nacional. E d'essa forma, ao lado do artigo de combate deve subsistir o artigo de simples doutrinação. São as duas coisas juntas que nos hão de dar a força moral de que tanto carecemos. Seria estupidez pôr de parte o artigo de combate. E seria estupidez pôr de parte o artigo doutrinario. Aquillo a que propriamente chamamos *artigo doutrinario.* No fundo, os artigos de combate não são mais, quando lhes assista logica e verdade, que artigos doutrinarios, como, por outro lado, o artigo doutrinario é sempre, no fundo, um artigo de combate. A's vezes, muitas vezes mesmo, como succede no *Povo de Aveiro*, as questões d'occasião impõem a necessidade de estender os artigos de combate. Mas isso não quer dizer que estejamos resolvido a pôr de parte o artigo doutrinario. São necessarios uns e outros. Completam-se uns aos outros. E' insufficiente a acção d'uns sem a acção dos outros. E os leitores que não virem isso — permittam-nos que lh'o digamos — não veem bem. O *Povo de Aveiro* tem espaço para tudo. E de tudo havemos de tratar, agrade a quem agradar e desagrade a quem desagradar.

Mas vamos lá á nossa conversa, minha senhora. Vamos. Mesmo porque precisamos, para passar a outro assumpto, de finalisar.

Vejo, então, que estava usando d'um artificio para *me fazer falar.* Estimo muito saber que não é, afinal, partidaria do amor livre e nem sequer do divorcio. E estimo muito conhece-la. Como poz de parte o incognito e fez *jogo franco,* receiosa de não me *ouvir falar claro, e, mais ainda, de eu não voltar ao assumpto,* porei de parte os sarcasmos e os desdens—incluindo a *madama*—para, já que assim o quer, lhe falar com o respeito que merece, mas . : . claro.

Claro! Mas então ainda quer que lhe fale mais claro?

Eu já disse tudo, tudo, sobre essa questão d'amor livre e de divorcio. Falo ao mesmo tempo em amor livre e em divorcio, porque o divorcio não passa d'uma *situação transitoria.*

Ora a questão resume-se nos filhos. Isto é, em haver ou não haver filhos. Eu já disse o anno passado, já o disse ha tres ou quatro annos, em termos d'uma logica irrefragavel, que a questão do feminismo não terá solução emquanto a procreação não se extinguir. A inferioridade da mulher está unica e exclusivamente no facto dos filhos se gerarem no seu ventre. Se se gerassem no ventre dos homens, seria d'elles a inferioridade. Como ha de a mulher exercer as funcções do homem e ter a liberdade e os direitos inherentes a essas funcções, se ella é escrava da maternidade?

Isto é tão claro, tão evidente, d'uma verdade

tão esmagadora, que eu pasmo da cegueira com que em todo o mundo andam as mais *altas capacidades* a discutir o feminismo sem ligarem a menor importancia a esse *comesinho facto*.

Acabam os filhos? Parece que sim. Para ahi caminha o progresso. N'essa corrente vae a humanidade. Se acabam os filhos, está bem. Então haja amor livre, haja *pagodeira*, haja o diabo. Annunciaram as gazetas que nas grandes cidades europeias foi um deboche completo na *noite do cometa*. Podia acabar o mundo e os *pandegos* queriam ir com a barriguinha cheia. Ora desde que se resolva *pôr termo aos filhos*, a humanidade acaba. Então, que mal faz o *amor livre?* Venha elle, venha o que quizerem, que ninguem protesta.

Mas não se decreta *a esterilidade* das mulheres? As mulheres continuam amarradas á sua funcção da maternidade? Então não ha *feminismo*, no sentido de egualdade em que o collocam os *campeões* dos *direitos da mulher*. Então o *regulador* da vida da familia são e serão sempre os direitos dos filhos, socialmente e moralmente acima dos direitos dos paes.

D'este dilemma não se pode sahir.

A moral do *grantámur*, consequentemente do divorcio e do amor livre, é uma moral profundamente egoista. Como, de resto, quasi toda a moral revolucionaria, estreita, individualista, por mais que se proclame a si propria larga e *solidarista*.

No divorcio, como no amor livre, a moral revolucionaria exclue toda a idéa de resignação e sacrificio. O pae, a mãe, fala na sua liberdade e na sua revolta. Não fala na sua resignação, no seu sacrificio. Fala no *seu amor*, no *grantámur*, isto é, no amor do macho ou da femea, e nunca no amor dos filhos. Julgando-se uma moral levantada, uma moral ideal, subtil, fina, é tudo quanto ha de mais rasteiro, de mais grosseiro, e de mais egoista.

E' uma moral contraria á razão e contraria ao sentimento. Anti-social e anti-natural. Pondo o homem abaixo da besta. A besta nunca fugiu ás leis da geração, nunca as deturpou, nunca as illudiu, e nunca fugiu aos deveres da creação. A besta sacrifica tudo, absolutamente tudo, á creação dos filhos. Nunca a besta subordinou o amor dos filhos ao amor do macho ou da femea. Nunca a besta abandonou os filhos para correr atraz do macho ou da femea. A besta conhece, até á fome, até á morte,—pelos filhos passa fome, e pelos filhos se deixa matar—a moral de renuncia e sacrificio. Aquella moral que a besta ideal que se diz revolucionaria e pertencer á especie humana, condemna formalmente como uma moral inferior . . . e desprezivel!

E sobre este ponto, minha senhora, ouvirá, já que quer ouvir tudo, uma *charge formidavel* no numero seguinte.

Já agora concluiremos por uma *charge*, cheia de verdade e de justiça.

C.

Apanhem lá esse pião á unha...

No *Janeiro*, de quarta feira, dizia Alpoim:

Não se ouve falar senão em politica de força, de energia—como se a violencia e a brutalidade pudessem hoje avassalar o mundo! E' a politica dos inferiores, dos subalternos; quando os leitores virem algum jornalista, parlamentar, ou homem publico, falar ou escrever com brutalidade e enxovalhos, proceder com violencia, fiquem certos de que tém diante de si um jornalista submediocre, um parlamentar ôco, e um estadista incapaz. Ensinam-n'o o espectaculo da politica portugueza e o confronto com as nações estrangeiras, onde ha individualidades fortes e caracteristicas.

O' Alpoim, eu nunca sympathisei tanto com o senhor! Dar-lhe um beijo, no senhor, é um pouco escandaloso. Senão... olhe que lhe mandava um beijo pelos arames!

Então, hein, não está d'uma canna?

Assim é que é falar. O senhor era um *sub-mediocre*, um *parlamentar ôco*, um *estadista incapaz*, quando aconselhava a violencia, a maior violencia, ao rei D. Carlos.

Os jornalistas republicanos, ou que se dizem republicanos, são todos elles uns subalternos, uns inferiores, uns sub-mediocres, pois não fazem senão falar em força, violencia, revolução.

O *grande parlamentar* Affonso Costa é um inferior, um subalterno, um submediocre, um oco, pois que faz consistir todos os seus recursos nas suas qualidades . . . de valentão.

Não ha que ver, Alpoim. Se o senhor não estivesse tão gordo, e não soffresse tanto de hemorroidas, avarizes e rheumatico, apanhava um chocho, um sonoroso, amoroso chocho, d'este seu creado.

Escrevem-nos do Porto:

" O Padua Correia está presentemente amancebado com uma mulher casada, filha de um republicano da velha guarda, e que desinquietou, para esse effeito, durante mezes successivos.

Esse Padua é mais ascoroso que o mais nojento reptil. E' assim uma especie de corpo de sapo em que se alapa uma alma de lama infecta.

E' de tal raça que nem com Duarte Leite ligou, nem com o Santos Cardoso. Por aqui pode avaliar!

Foi por isso escorraçado da *Patria* do Duarte, o moralão casado e com filhos, que passa as noites em orgias com pinoias das mais reles e garotos dos mais safados.

Para elle e para o Affonso é incançavel o bacharel Germano, muito bacharel e muito burro, em arranjar as *pinoias* para os batuques nocturnos.

Se é com esta raça que se ha de fazer a republica, que ella não venha nunca, para não termos de emigrar.

Arre, scelerados! „

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.

Pulhas todos

Já viram como o comico doutor em leis respondeu á logica da rasão com a sua logica — *a logica do couce* — visto na mesquinhez do seu cerebro não encontrar outros argumentos com que se defrontar ante José Sampaio, *Bruno*, que, não sendo formado em leis como qualquer Alonso, é comtudo portador de uma bagagem mental, perturbadora dos vaidosos atrevidos que, como Alonso, julgando-se num paiz de cégos, a todos querem deslumbrar com a sua palavrosa sciencia de catalogo.

* * *

Ora vejam agora, alem do que, de collaboração extranha, a *Voz Publica* estampou condemnando Alonso arreeiro, o que se segue, em o numero do citado jornal de 14 de janeiro de 1902, sob a epigraphe:

O castigo judicial do dr. Affonso Costa

Hontem, ás 11 horas da manhã, o nosso amigo sr. José de Sampaio, collaborador politico da *Voz Publica*, foi mandado prevenir, por um guarda da policia, de que o sr. commissario geral da mesma policia o convidava a comparecer immediatamente na secretaria do referido commissariado afim de acompanhar ao tribunal respectivo a participação da aggressão de que, por parte do dr. Affonso Costa, elle fôra victima, a qual, pelo mesmo commissariado ia a essa hora ser remettida ao tribunal.

Como o sr. José Pereira de Sampaio se encontrasse em extremo estado de fraqueza que lhe não permittia sahir de casa, pediu ao sr. Bernardino Guimarães, seu primo, que, de sua parte, fosse ao commissariado de policia informar o sr. commissario geral de que não era possivel ao sr. José Pereira de Sampaio acquiescer ao convite de sua ex.ª, por motivo de força maior.

Tambem ao sr. Guimarães o sr. Sampaio accrescentou o pedido de communicar ao sr. commissario geral de policia do Porto o facto de que o sr. José Pereira de Sampaio, ex-director da *Voz Publica* e seu actual collaborador politico, prescindia de toda e qualquer acção judicial contra o dr. Affonso Augusto da Costa, director politico do *Norte* e seu traiçoeiro e covardissimo aggressor.

E prescindia d'essa acção judicial . . . por isso que verificara com assombro, que elle, José Pereira de Sampaio, aggredido, fora preso e conduzido ao commissariado geral de policia; e elle, dr. Affonso Augusto da Costa, nem sequer chegara a ser preso, apesar de o aggredido intimar a um policia do giro, após o successo, a prisão do seu aggressor!

Na verdade, estas, as antececentes e as consequentes responsabilidades têm de liquidar-se na imprensa. O tribunal ha de ser o da Opinião Publica.

Perante elle, muito breve, o processo será instruido; e, então, definitivamente julgado.

. . . . . »

* * *

Logo a seguir, em este mesmo numero da *Voz Publica*, vem um artigo do theor seguinte:

As declarações do sr. dr. Affonso Costa ao partido republicano

Breve analyse

"O sr. dr. Affonso Costa, nas suas tardias declarações, publicadas no jornal o *Norte*, de domingo passado, escreve:

" N'um jornal d'esta cidade um homem que não conheço, e que ha dois annos e meio não encontrava, iniciou e está seguindo uma villissima campanha contra mim „ (1)

Assevera o bacharel declarante que não conhece *Bruno*, como quem diz, do alto da sua olympica vaidade, que elle, a sciencia personificada, não liga a menor importancia a essas *nullidades*, que rastejam pela base da sua pyramidal estatua! E depois refere-se tambem, com um ar de despreso, ao jornal em que *Bruno* collabora, que nem mesmo o cita, o que nada importa isso para nós; e, se surprehendemos essa vaga maneira de dizer é tam sómente para mostrarmos como a sua vaidade começa a dictar as suas declarações. A sciencia, a sciencia, a sciencia! . . .

O sr. Affonso Costa, que tem obrigação de conhecer o movimento litterario e scientifico do seu paiz, começa por declarar que não conhece *Bruno*, indubitavelmente um dos mais vigorosos talentos da geração actual!

" *Que ha dois annos e meio não o encontrava* „ vendo-se assim que o conhece ha bastante tempo. E como havia de encontra-lo, se *Bruno* não existia para o sr. dr. Affonso Costa?

Fica assim demonstrado que começa a sua declaração por faltar á verdade. Conhece e não conhece.

Mas poderá dizer-se que a sua referencia implica apenas o conhecimento pessoal. Se não conhece pessoalmente José Pereira de Sampaio como publicista, devia conhecel-o como uma das individualidades mais preponderantes do seu partido, pois não ha na cidade correligionario que o não conheça, e muitas vezes o sr. dr. Affonso Costa tecera ao talentoso publicista superiores referencias, na epocha em que não havia ainda exteriorisado a sua irrisoria sobranceria.

Não conhece *Bruno*, assevera; mas para o aggredir, covardemente, conhece-o perfeitamente de noite. Bem fizeram os gentilicos, pintando a sciencia com um môcho ao lado. O sr. dr. Affonso Costa vê e conhece melhor de noite, — a grande vantagem da luz com torcida . . .

O sr. dr. Affonso Costa dá começo ás suas declarações, por um processo baixo e vulgarissimo de quem quer deprimir — *não o conheço* —, como se fosse possivel destruir toda a obra de critica e de partidarismo de quem fez uma reputação solida no campo da litteratura scientifica e conquistou pelo seu sacrificio e propaganda um brilhante nome no partido republicano.

Um bacharelorio formado em direito, sem nenhuma educação scientifica positiva, dotado apenas d'uma verborrhêa d'um declamador banal, querer deprimir um homem como *Bruno*, já não é sobranceria, doentio orgulho, é absoluta toleima. Até onde rebaixa a vaidade d'um homem a ponto de desconhecer os meritos alheios! Mas a tarefa deprimente só serve para exaltar o individuo de reconhecido valor pela comparação ou analyse que o publico illustrado faz da obra de cada um.

Quem conhecia o sr. dr. Affonso Costa antes de possuir o diploma de deputado republicano? Apenas era conhecido pelos estudantes da Universidade e pelas suas *sebentas*. „

. . . . . .

E por ahi fora segue o artigo, porradeando o enfatuado doutor, zurzindo-o como um tambor de feira, esguichando-o de troça, cobrindo-o de ridiculo.

Mas bastam os trechos que ficam transcriptos para elucidação das gentes, sobre o mais cotado malandrão dos desacreditados pulhorios, futuros salvadores da Patria.

E basta o que fica transcripto, por agora, porque a autopsia vae principiar, inexoravel e justa, feita por Sampaio Bruno, — nos subsequentes numeros.

Isto sem falar em artigos violentissimos, de pessoas extranhas á *Voz Publica*, que deixaram o dr. Alonso a escorrer lama.

Um d'esses artigos é de Annibal Cunha, professor de pharmacia ao presente, e que foi companheiro de exilio de Bruno, após o 31 de janeiro.

Annibal Cunha quando conheceu a cambada vermelha commandada pelo Alonso e outros, fugiu-lhes, como teem feito muitos outros, cheios de nojo, e que, não abdicando de principios, afastam-se dos que se arvoram em paladinos da republica, para a trahirem e para nos trahirem.

Uma coisa boa fez, porem. o Annibal Cunha; em antes de se retirar, abriu a cabeça ao . . . archi-Henrique Cardoso, digno filho de seu pae . . .

—

Sampaio, antes de começar a tosar Alonso, publicou a seguinte declaração, muito interessante, já reproduzida ha dois annos no *Povo de Aveiro*, mas que convem reproduzir mais uma vez.

A nova organisação do Partido Republicano, que elle fulmina, era obra do Alonso.

«Meus presados collegas . . .

Peço-vos a inserção, no numero proximo do nosso jornal, d'estas linhas, que hoje mando egualmente para a «Vanguarda», de Lisboa.

Considero a nova organisação do Partido Republicano, approvada no Congresso de Coimbra, como inteiramente anti-republicana.

Considero-a como offensiva do suffragio popular. Considero-a como offensiva da dignidade possoal e da jornalistica. Considero-a como offensiva da autonomia das aggremiações.

Considero-a como facciosa e absolutista.

Ella é incompativel com os principios e os sentimentos democraticos. A meus olhos, onde não é antipathica é ridicula.

Para mim, ajuntando-se a muitos outros (de longa e dolorosa data) foi o motivo final que determinou a decisão.

Entendo, pois, que me cumpre o dever de tornar publico o exercicio d'um direito; e, em consequencia, declaro desligar-me, desde hoje em deante, da disciplina partidaria, deixando de pertencer, como deixo, ao partido republicano, assim novamente organisndo.

Recupéro a minha liberdade plena: de homem, de cidadão e de escriptor.

Politicamente (assim como a «Vanguarda» é, conforme o seu subtitulo o diz, um *jornal republicano independente)* assim tambem, de hoje em deante, eu passarei a ser um *jornalista republicano independente.*

Porto, 8 de janeiro de 1902.

José Pereira de Sampaio [Bruno).»

Isto é interessantissimo. Ensina . . . e distrahe!

O Padre Nosso

Na nossa correspondencia da Moita refere-se hoje que o João Padre Nosso, conhecido ladrão e assassino d'aquella região, pelo que já cumpriu sentença na Penitenciaria, e assignalado membro do *redemptor* partido *democratico*, não lê o *Povo de Aveiro*, a pretexto de que gente séria . . . *não lê tal porcaria.*

Tal e qual como o Margarido, o Cunha e Costa, o Affonso Costa, o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Petiz das Gravatas e o Pechuga. Nenhum d'elles lê... *esta porcaria!*

E ahi tem mais um, ó seu Cabrito Macho! Faça favor de gramar . . . o Padre Nosso!

CARTAS LISBOETAS

26 de maio.

Fechou o tal Congresso Nacional, mais um para a conta n'este paiz de congressos, e se não é, ainda, hora de *vêr* os resultados praticos de tanto palavriado, é licito e é justo, passando a vista pela serie de banalidades alli ditas, constatar que, apesar das ligas educativas, umas philarmonicas recreativas para entretenimento d'estes lusos divertidos, apesar da cooperação dos nossos esforçados pedagogistas—genero Ladislau Piçarra—e da adhesão da grande democracia que desponta, aquelle Congresso é mais um attestado de que a vitalidade mental d'este pôvo é uma simples trêta, uma repugnante mentira.

Visto no conjuncto, o congrésso apresenta o aspecto de tudo querer abranger e, afinal, particularisando, vem a concluir-se que aquella gente bem intencionada não estava sufficientemente preparada para aquellas folias.

Haja vista, por exemplo, o passado com o sr. José de Magalhães, um médico com ares de philosopho, com verniz de pedagogias e coisas varias, que falla de tudo e que ha algum tempo é considerado o pedagogista official da democracia.

Este senhor, cujo trabalho, á parte, aqui procuraremos imparcialmente apreciar, se não nos faltar o tempo e dispozermos de espaço, e, ainda, se tivermos paciencia para nos darmos á decifração de tão emaranhadas pedagogias, propoz-se tratar o problema do ensino portuguêz, e porque ousaram duvidar da sua infalibilidade, irritou-se; procurou demonstrar que só elle tinha razão, que só elle via bem as coisas, que, n'uma palavra, só a sua opinião contava.

Um rapaz novo, que é das coisas melhores que ahi tem apparecido, Fidelino de Figueiredo, fêz uma critica lucida do trabalho do sr. Magalhães e, affirma-nos quem assistiu, o mestre pedagogista não se saiu lá muito bem do torneio.

Claro, toda a gente prestava homenagem ao mestre, mas todos concordavam em que o mestre, á força de querer synthetisar, fôra omisso, e que a sua linguagem era por vezes tão clara que não se percebia bem.

Expliquemo-nos, não vá apparecer ahi alguma alma bondosa, de que está bem repleto o mundo, a interpretar mal o que vimos dizendo.

O sr. José de Magalhães sempre nos deu a a impressão d'um homem de estudo, com vontade de acertar, pondo ao serviço de uma boa inteligencia cia uma forte tenacidade, coisa rara em portuguezes, e recordamos com saudade o tempo em que elle escreveu na *Lucta* uma serie de artigos criticando o ensino médico d'aquelle casarão que em Coimbra se chama Universidade.

No grupo de rapazes com quem mais nos davamos em Coimbra, esses artigos, eram lidos e commentados e a verdade é que José de Magalhães ficou com amigos entre os alumnos da Universidade, que José de Magalhães prestou um bom serviço de critica á velha casa da beira-Mondego.

Mas José de Magalhães, com a mania da liga, com a companhia dos ligorios, começou a dar-se ao palavriado e, rodeado de homens de ideias geraes, elle que podia, isoladamente, fazer um trabalho de proveito, que com a sua intelligencia e os seus conhecimentos poderia contribuir de algum modo para o indispensavel balanço critico do nosso paiz, sahiu-se agora no congresso com uma coisa —deixem passar a palavra — que está um pouco abaixo do que havia o direito de d'elle exigir, do que todos d'elle deviam esperar.

Medico, professor, elle deveria, se podesse, se a tarefa não fosse demasiada, e não seria, por certo, apreciar o ensino médico do paiz, fazer a critica, por exemplo, do que é o nosso ensino medico universitario comparado com o dos outros paizes. Especialista, José de Magalhães deveria especialisar, mas mettido com a gente das ideias geraes, á força de generalisar . . . estendeu-se.

O advogado Antonio Macieira, tratando o problema juridico não trouxe, afinal, aos profissionaes entendidos grandes novidades, mas affirmou ideias sãns que deveriam ser tomadas em linha de conta se em Portugal se tratasse a sério de qualquer coisa, algumas das quaes são indispensaveis para o estudo da renovação do nosso direito interno, em todos os seus ramos, pois todos elles, especialmente o civil e o criminal, precisam com urgencia ser reformados n'um sentido progressivo e liberal.

Aqui e alli, de um e outro lado umas verdades accertadas, mas tudo tempo perdido, no balanço final.

Porque ninguem faz caso de coisa alguma, porque para a semana já ninguem se lembra que houve um congresso nacional.

Eu não sei se Homem Christo irá apreciar o que foi esse congresso, mas não seria descabido que elle passasse a vista pelo que se disse da instrucção no exercito, umas phrases do sr. Borges Grainha, um homem de merecimento que ensina litteratura e detesta os jesuitas, que de alguma maneira poderão impressionar o propugnador do ensino escolar por companhias.

Como se não fallou alli no seu nome, tratando-se de um assumpto que elle como nenhum outro, com a dedicação e tenacidade de nenhum outro, tratou, é coisa que não chega a comprehender-se. Tinham medo que o patriarcha Bernardino não gostasse, elle que é o apostolo por excellencia da instrucção? Tinham medo que a imprensa democratica não estivesse de accordo? Receiariam, por ventura, que Cunha e Costa ganisse?

Ah, isto nem dá vontade de morrer, como dizia Herculano, nem dá vontade de rir, como diria o Eça, com o seu riso-philosophia. Isto dá vontade de fugir para muito longe, de fechar os olhos, de tapar os ouvidos, para não ver esta profunda miseria, este ultimo degrau do aviltamento, esta baixeza moral, esta derrocada mental, para não ouvir as vozes desencontradas d'estes sordidos palhaços de feira que fizeram d'este paiz um palco de truões. Isto não dá vontade de morrer, mas, tambem, não encoraja para a vida. Isto não dá vontade de rir, porque o riso seja, como queria o grande Anthero, um dissolvente e não um remedio. Isto provoca a nausea.

Eu fujo sempre de fazer aqui referencias pessoaes, não porque tema as represalias dos visados, mas por systema. E se não descomponho fortemente, tambem fujo de elogiar. Tendo a certeza, absoluta certeza, de que a meia duzia de referencias mais acres o duelista Affonso Costa não me pucharia as orelhas como fez a Martins de Carvalho sem que tivesse, prompta, uma resposta á lettra, eu tenho fugido de me occupar do grande de parlamentar lusitano.

Da mesma forma que evito referir-me a Homem Christo, já porque sou seu amigo e posso ser, sem querer, parcial, já porque elle é o director do jornal em que estas cartas se inserem.

Mas para este caso chamo a attenção de Homem Christo, sem ligar ao seu nome adjectivos encomiasticos, o que não seria digno de mim e o que elle dispensa, lamentando, com sinceridade, que essa gente de pedagogias genero Ladislau não tivesse uma palavra de reconhecimento para o homem que em Portugal tanto trabalhou pela causa da instrucção.

Homem Christo sabe bem que eu lhe digo isto aqui como lhe diria n'uma carta particular, como estou agora mesmo pensando, sem outro intuito que o de frisar a falta de coragem, para não dizer a ridicula covardia, o ridiculo medo á má-vontade republiqueira, com que esses congressistas passaram pela sua obra sem ter uma referencia para o seu nome.

Claro, a historia não a escreverão os escrivas assalariados que veem pejando de insultos, de obscenidades e de infamias as mais indignas folhas jornalisticas que teem sahido de prelos portuguezes, e ella registará com louvor o nome do propagandista modesto que tudo perdeu por ter preferido ficar só a andar em deshonrosas companhias.

E se quando a historia da instrucção popular em Portugal nos ultimos tempos se tentar, este congresso tem de ficar como uma continuação d'aquelle celebre congresso escolar d'aqui ha tempo, isto é, como uma inutilidade, o nome do homem que a *prudencia* dos congressistas omittiu, tem de ficar, não talvez coberto de gloria, mas escripto com honra em caracteres firmes que o tempo não apagará.

E o juizo dos que vierem o vingará, então, d'estas maroteiras contemporaneas.

BELGAVINO.

Ora até que emfim!...

Até que emfim, estamos d'accordo com o sr. Alpoim!

A correspondencia do *Janeiro*, terminava, sexta-feira, por estas palavras:

Emfim, o governo diz que quer viver: ou antes, o sr. José Luciano manda dizer, e pôr nos jornaes, que o governo se sustentará, recorrendo até á força e violencia nos incidentes parlamentares. Pois eu digo-lhes que, se se abrirem as côrtes, o governo verá, e ouvirá, o que não quer vêr nem ouvir. Tumultos, para quê? Quem os aconselha? Basta a simples exposição de factos!...

Ora assim é que é falar. De palavrinhas, tudo. De berrata e pau de *beefs*, nada. E se pelas palavrinhas conseguirem deitar o ministerio abaixo, não ha que dizer. Ou, antes, ha que admirar.

Mas então sempre é certo o Beirão ter mandado alargar os alojamentos da guarda...

Bravo, sr. Beirão. Veja ahi, nas palavras do Alpoim, o primeiro resultado d'essa coisa hygienica de . . . mandar alargar os alojamentos da guarda.

Se chega a haver lambada, os leões parlamentares ficam mais mansos . . . que os leões da Celimene.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Preço da assignatura: 700 réis, franco de porte.

O preço avulso do «Povo de Aveiro» é de 20 reis em todo o paiz.

UM IGNOBIL GAROTO

Escrevem-nos da Guarda, com data de 23:

Não sou reaccionario nem vou feito com certos manejos clericaes. Assisto de palanque ás luctas em que costumam degladiar-se os partidos e as facções sem me importar com os seus resultados.

Mas, quando vêjo que qualquer malandro pretende abusar da bôa fé d'um homem, então a minha consciencia revolta-se e n'um momento de repulsão por tudo isso, procuro d'algum modo desmascarar o cynico.

Eis o nosso caso. Leio frequentemente o *Povo de Aveiro* e não me passou despercebida uma local referente a dois homens cá da Guarda: Julio Ribeiro e Alberto da Silva.

Não me importou a local e releguei-a para o rol das coisas esquecidas.

Mas, qual o meu espanto quando deparo, n'um canudo de que elles são *dignissimos* redactores, com um agradecimento a tres conhecidos reaccionarios da Guarda, por terem informado a *vasa geral* [é o nome que dão ao seu jornal]!

Cahi das nuvens; pois será possivel que elles sejam os informadores?

E, apesar do estado titubeante do meu espirito, inclinei-me um pouco a seu favôr.

No domingo, porém, deparo no *Povo de Aveiro* com noticias tendenciosas, enviadas para ahi, certamente por mão anonyma ou nome supposto.

As duvidas que a esse tempo existiam no meu espirito sobre os informadores d'este jornal desappareceram por completo.

Julio Ribeiro e Alberto da Silva, que accusavam os reaccionarios da Guarda de informadores do *Povo de Aveiro*, desmascararam-se.

Elles e só elles, são informadores. Porque, de duas uma: se não são os reaccionarios, são os jacobinos.

A este dilemma não ha que fugir. Os indifferentes não se incommodam a levantar uma questão. Quando muito farão como eu. Amantes da verdade e da justiça não toleram que sejam apeiadas do pedestal que por direito lhes pertence.

Ora, os reaccionarios não teriam a louca pretenção de attribuir a Julio Ribeiro coisas de que elle accusa no seu *canudo* o bispo da Guarda.

Senão vejamos.

*

Ha uma senhora n'esta cidade veneranda pelas suas virtudes e fidalguia.

Chama-se D. Maria da Conceição Mendonça e Povoas.

Todo o povo da Guarda presta preito á sua nobreza e caridade.

Das suas qualidades affectivas, do seu porte modelar são testemunhas as centenas de pobres com que distribue as suas copiosas rendas, é todo o povo da Guarda.

Julio Ribeiro e Alberto da Silva sabem bem isso.

Ora essa senhora costuma prestar a sua carruagem ao prelado d'esta cidade.

Ha aqui alguma coisa de reprehensivel?

Não a presta a Julio Ribeiro nem a Alberto da Silva pois terá receio de que lh'a sujem. Não os admitte no seu solar, não lhes estende a mão, d'ahi a sua raiva insana contra ella. Toda a gente séria da Guarda tem alli franca entrada; os rufiões, os bandidos e os devassos, não.

Pois Julio Ribeiro e Alberto da Silva andam conspurcando, por isso mesmo, a dignidade da veneranda velhinha e a fimbria da batina do bispo da Guarda.

Tal campanha mette nojo a toda a gente de bem.

Em escriptos subsequentes teremos occasião de nos referir a isso.

Hoje apenas pretendemos esclarecer o *Povo de Aveiro* do logro em que cahiu, salutar ao mesmo tempo, pois foi elle que concorreu indirectamente para desmascarar Julio Ribeiro e Alberto da Silva.

A segunda coisa de que o Julio Ribeiro se accusa, é de maltratar um velho padre na sua propria casa.

Não sabemos se elle fez isso, mas é muito capaz de tal. No emtanto quer-nos parecer que se refere ao padre Francisco Gonçalves Barreira, ex-professor do Seminario e parocho collado em Villar Maior.

Este padre, velho e parvo, tem sido o cavallo de batalha do *canudo* teixeirista da Guarda.

Por qualquer coisa vem sempre o padre Barreira á baila.

Julio Ribeiro e Alberto da Silva accusam o bispo de expulsa-lo do Paço e tirar-lhe as cadeiras que regia no Seminario. Tambem se diz que o bispo se lhe tirou as cadeiras no Seminario é porque reconheceu a incompetencia do professor. Por hoje não me adiantarei n'isto, pois preciso tirar informes a fim de esclarecer o leitor devidamente.

Darei a razão a quem a tiver. Se o bispo procedeu mal, se o padre Barreira, é questão que averiguarei. Hei-de pôr a verdade no seu logar.

A terceira coisa de que Alberto da Silva accusa Julio Ribeiro é de extorquir 6:000$000 réis ao padre Simões de Carvalho.

Parece-me que isto dos seis contos deve ser um legado oneroso pertencente ao padre Simões de Carvalho e que, talvez para se livrar de incommodos, cedeu ao Seminario. Tenho ideia de ver essa escriptura. No emtanto, hoje mesmo escrevi ao padre Simões de Carvalho para me elucidar.

Como veem, tudo o que Alberto da Silva attribue a Julio Ribeiro é o mesmo de que Julio Ribeiro accusa no jornal de Alberto da Silva o prelado da Guarda.

Foi um *truc* mal urdido para desauctorisar o *Povo de Aveiro*. D'um caso d'esses ninguem se livra.

Mas o que prova cynismo, o que prova a mais desaforada pouca vergonha, é o reles procedimento dos dois bandalhos teixeiristas, que, querendo nivelar-se com Padua Correia, Affonso Costa e outros malandretes da republica, estão muito áquem d'elles.

Valôr intellectual não o teem, moral, então, vamos ver, e não tardará muito. Ninguem aqui lhes dá importancia a não serem os correligionarios.

R. P. S.

Depois d'esta carta recebida, e já composta, veio-nos ter á mão o papelucho do Julio Ribeiro, pelo qual se vê que foi elle mesmo, Julio Ribeiro, quem nos escreveu, com nome supposto, *a diffamar-se*. E gaba-se d'esta façanha, o miseravel! Não só isso. Atira foguetes! Bate palmas! E julga-nos . . . *esmagado*! O ignobil garoto! O asqueroso canalha!

A carta foi recebida aqui em 19 de maio. Havia sido expedida da Guarda, registada, em 18, na vespera. Vinha *registada*, para nos inspirar *maior confiança* e ter *mais caracter*. Numero do registo: 3624. Remettente: Padre Augusto Ribeiro. Elle proprio confessa que *fingiu* de padre para mais facilmente, ainda, *nos fazer acreditar*. Ordinarissimo garoto! Repugnantissimo bandalho!

Mas eis a carta, textualmente:

Ex.mo Sr.

Pelo considerado e valente jornal de V. Ex.a vejo que recusam a dar-lhe informações do malandrão Julio Ribeiro, que por aqui arma em moralão quando a sua vida é cheia de podres. (1)

Para principio, pois, e para responder ás insolencias e desdens que elle vomita no «Jornal do Povo» ahi vão uns traços da sua biographia:

1.o — E' um verdadeiro souteneur **porque suggestionando uma senhora meia cachetica a explora ignobilmente e se utilisa, com o maior descaro, da sua carruagem e parelha.**

2.o — Ficou com certo dinheiro a uma companhia de seguro, não mandando fazer a obra a que esse dinheiro se destinava.

3.o — Quiz em sua casa espancar um padre já bastante velho e ainda o insulta.

4.o — A um padre tambem, chamado Simões de Carvalho, extorquiu uns 6 contos de reis—naturalmente aquelles a que desdenhosamente se refere no «Jornal do Povo» para se sangrar em saude.

5.o — Dizem que é filho d'um bispo, motivo porque odeia os clericaes.

E mais nada por hoje. Para o proximo numero o informarei e lhe fornecerei dois documentos valiosissimos que ando arranjando.

Rogo a V. Ex.a o favor de não divulgar por agora o meu nome, todavia, se fôr necessario, estou prompto a que diga ser eu o informador e de tudo isto tomo a responsabilidade.

Peço-lhe o favor de mandar para o agente da venda mais 50 exemplares.

Com toda a consideração e estima

De V. Ex.a Att. Ven. e admirador

Guarda.

P. Augusto Ribeiro de Sá.

P. S.—Se V. Ex.a entender que devo mandar reconhecer a minha assignatura, estou prompto.

Ora esta carta, que photographa admiravel-

(1) Para este Affonso, tudo o que não seja vivas ao Affonso, elogios ao Affonso, allusões saborosas ao Affonso, tudo, emfim, o que não sirva a lisongear a sua estupenda vaidade, é vil, é villissimo . . . — N. da r. de o *Povo de Aveiro*.

(1) Isto dicto de si proprio, e sendo, como é, a *rigorosa verdade*, mostra toda a baixeza moral do miseravel, cynico, canalha, garoto, pulha, a ultima expressão da vileza humana. Tão cynico, tão canalha, tão garoto, tão pulha, que ainda faz alarde do facto, como um acto de *benemerencia* e de habilidade da sua parte!

mente aquelle caracter, que espelha, fulgurante, a alma d'aquelle pulha, leva, legitimamente e directamente, ás seguintes conclusões:

1.ª Alberto Silva e Julio Ribeiro eram dois grandes garotos. Vimos logo que a garotice, deslavada, impudica, era a nota predominante do caracter de cada um dos dois infamissimos bandalhos. E tanto que, sem os conhecermos, sem termos delles *nenhuma informação*, apenas pela maneira porque os viamos escrever no papelucho, foi essa a nota que, no pequeno artigo que lhes dedicámos em 15 do corrente, accentuámos. Vê-se agora que não nos enganavamos. Portanto, e posto isso:

2.ª Nada custava acreditar as informacões que vieram, transmittidas em condições taes, como fica visto, que só tratando-se d'uma pessoa de quem não fizessemos, já, má ideia, que não tivessemos, já, e justificadamente, na conta de pulha, nos podiam despertar desconfiança. Mas, garotos provados, pelos antecedentes, evidentemente malandrões, como de si mesmos se dizem, moralões cheios de podres, como Julio Ribeiro a si proprio tão justamente se define, acreditámos. Toda a gente acreditava.

3.ª E tanto toda a gente acreditava, e tanto, acreditando, não commettemos nenhuma injustiça, que não alterámos, no fundo, a verdade. Nós já os sabiamos, repetimos, garotos e pulhas. Ei-los agora ahi, pela acção ignobil de que se gabam, de que alardeiam, archi-garotos, archi-canalhas, archi-pulhas. Não seria preciso, para os definir, nada mais. Promettem-nos, porem, de Coimbra e da Figueira, alem do que a carta, com que abrimos este artigo, nos promette da Guarda, informações sobre Julio Ribeiro, as quaes demonstrarão que, chamando-lhe *souteneur* e *ladrão*, o favorecemos, pois sem deixar de ser ladrão, é mil vezes mais nojento e repellente que os *souteneurs* mais immundos.

4.ª Sendo assim, incontestavelmente assim, a carta não denuncia, por outro lado, como elle pretende, que sejam falsas as accusações contra outros individuos aqui publicadas, pois não só quasi todas ellas teem sido *documentadas*, como aquellas que não teem sido documentadas, nunca foram, salvo um ou dois casos de pequena monta, contestadas. E:

5.ª Não fazendo a porquissima obra do Julio Ribeiro, de modo algum, esta demonstração, prova ao mesmo tempo, *manifestamente, irrefragavelmente*, que não havia o menor entendimento entre nós e os clericaes da Guarda, como escrevia o infamissimo bandalho. Nunca tinhamos ouvido falar em Alberto Silva nem em Julio Ribeiro. Nem suspeitavamos, sequer, da existencia dos biltres. Um dia appareceu nos aqui um papelucho, mandado por alguem, papelucho para nós, tambem, até esse instante completamente ignorado, em que se nos faziam referencias injuriosas. A' margem vinha escripto, a tinta: *São redactores d'este pasquim Alberto Silva e Julio Ribeiro, inspector do sello. Se quizer informações dos dois malandros, é só declara-lo.* Declarámo-lo. Para justamente os vergastarmos. Mas as informações não vieram. E nós, tão inteiramente desconheciamos os clericaes e toda a gente da Guarda, que não tivemos, alli, a quem nos dirigir, para perguntar. E nós, tão inteiramente desconheciamos os clericaes, a vida dos clericaes, a politica e os enredos da Guarda, que publicámos uma carta que — sabia-o muito bem o asqueroso garoto — o mais infimo conhecimento das coisas da Guarda, ou as menores relações com clericaes, nos impediriam de publicar.

D'esta forma resta provado — e é só o que eloquentemente fica provado — que, alem de pulha da mais infima especie, de garoto ignobil, de bandalho repellente, sujo, reles, Julio Ribeiro é, tambem, um calumniador emerito, n'isto, como em tudo, consciencia de lama, alma prostituida, sem hesitações ou escrupulos de qualquer ordem para affirmar **tudo** contra aquelles que combate.

E por hoje, basta. Ninguem conhece esse miseravel fóra da Guarda, e para um miseravel, um biltre, um gaiato descarado, de simples valor local, já é demais.

Por hoje, basta.

E eis mais uma vez em evidencia o valor moral das quadrilhas politicas n'esta terra. Esse asqueroso reptil, que ahi fica tão eloquentemente retratado, é um alto representante do partido regenerador na cidade da Guarda!

Que pulhas!

P. S. — Escrevem-nos a perguntar se nós sabemos da figura de parvo que o ridiculo garoto Julio Ribeiro, que nos chama agora *burro* por termos cahido na sua grosseira e ignobil garotice, fez com as *Notas d'um Lisboeta*, de Alvaro Pinheiro Chagas.

Isso, sim, é que é fazer figura de parvo. A figura ridicula, de parvo chapado, de pedantão d'aldeia, que fez então esse idiota!

Tambem nos perguntam se não sabemos que elle é conhecido na Guarda, por causa da imitação d'um soneto do poeta Augusto Gil, pelo . . . *poeta ranhoso!*

Estamos a ver que o birbante, além do ultimo dos pulhas, é o ultimo dos parvos. E que se metteu em camisa d'onze varas!

Reforma da policia

Referiu-se V. n'um dos numeros do seu interessante jornal ao mau serviço da policia de Aveiro. E' o mesmo por toda a parte, á excepção, talvez, do Porto e Lisboa, onde vigora uma organisação especial. Se pois os effeitos são geraes é porque as causas tambem o são. Não devemos busca-las apenas nos defeitos dos homens, devemos caminhar direitos á propria instituição.

O que causa pasmo é que apezar de semelhante generalidade e dos protestos que levanta, não haja ministro do reino que cuide a valer da reforma. Os nossos ministros do reino não teem tempo para aparar as marradas tribunicias dos nossos inflamados oradores parlamentares e ouvir as solicitações piedosas dos influentes eleitoraes. Para mais nada tem vagar.

A segurança pessoal, a manutenção da ordem, o aspecto de limpeza, denuncia o policiamento proprio de um paiz, que deve ser geographicamente civilisado . . . . nem vale a pena tratar de semelhantes ninharias. O paiz que ature pachorrentamente o jugo das clientellas politicas, empenhadas a fundo em *comer e dormir*, estudar minuetes oratorios; o resto (e é o que importa) para nada se conta; é musica celestial. Um perfeito engodo.

Eu vou desenrolar o triste sudario do que se passa em Bragança e um pouco por toda a parte, acompanhando o relato das considerações, que o caso pede.

Em Bragança o serviço policial está peior hoje, que ha um corpo encarregado de o fazer, do que quando o não havia. Parece um paradoxo, uma amplificação de ideias ou factos; pois é uma verdade dolorosa e incontrastavel.

Lembra-se muita gente ainda do *Dente Real*, um meirinho da administração do Concelho. Pois mettia elle só mais respeito do que toda a companhia policial de agora com seus cabos, chefe e *tuti quanti*. Donde provem este descredito? Quero crer que as gerações se vão anarchisando, confundindo os limites da liberdade e seus contrarios; mas aqui não basta esta explicação. Ainda ha muito boa gente, ordeira e respeitadora dos principios tradicionaes. E essa gente ainda forma lastro sufficiente para aguentar este chaveco atravez dos meandros da sophistica e da pobresa de concepção de idiotas innovadores. O que falta á corporação policial para cabal cumprimento de seus fins são as garantias legaes do bom serviço e uma mão firme, austera e disciplinadora. Ora nada d'isto tem.

E' certo egualmente que para haver boa urdidura se torna necessario bom fio, para bom organismo boa colheita; e portanto que para haver corpo de policia prestimoso é indispensavel a selecção entre as praças, que terminaram com louvor o seu tempo de serviço militar.

O seu passado deve abonar o seu futuro. Mais, d'entre os indicados escolham-se os melhores, em brio, em educação e até em figura. São estas qualidades as que distinguem a guarda civil de Hespanha, a *benemerita*, corpo perfeitamente seleccionado, e que tão bellos serviços presta á cousa publica. Faz honra ao paiz visinho, e é a admiração dos extrangeiros.

Mas satisfeita esta condição, pague-se-lhes, e pague-se-lhes bem. Bem, quero dizer, que se lhes arbitre um vencimento que os ponha a coberto de necessidades, que os torne independentes, com direito á reforma. E' primacial. Quem ha de arriscar a pelle em defesa de nossas pessoas e bens, se atraz de si deixa o luto e a miseria da mulher e dos filhos? Os heroes não se decretam, nem se improvisam. Ninguem tem direito a esperar o heroismo.

Ora n'este capitulo ha muito que reparar. Lembremo-nos que d'ha trinta annos para cá tem duplicado o preço dos generos de primeira necessidade; pois em logar de lhes haverem augmentado o vencimento, que foi a principio da taxa de 400 reis diarios, baixaram-lh'o a 360! Uma pelintrice reles!

Qualquer ministro que queira fazer uma reforma, não pode esquecer estes pobres funccionarios, mantenedores da segurança e da ordem, tantas vezes victimas da sua dedicação. E' justissimo que se lhes melhore a sorte!

A par do augmento de vencimento deve seguir a estabilidade da posição. Não é possivel, não se compadece com tamanho peso de obrigações e a antipathia do seu cumprimento por parte de desordeiros e pimpões, o titulo quasi vitalicio do cargo.

Um agente da auctoridade em relação com todos e a toda a hora não ha de ficar á mercê da vingança e do capricho de qualquer figurão politico. E' inadmissivel.

Depois d'isso, serviço militar ou militarisado. Onde a disciplina seja rigorosa, firme, sem contemplações. O commando não pode ser dado a quem desconheça as responsabilidades do cargo, ou d'ellas não faça caso. O guarda desinteressa-se, finge que não vê, desde que as suas partes são abafadas ou sophismadas por quem tem obrigação de lhes dar andamento. Foi um erro deploravel a suppressão dos commissarios, que por brio pessoal e zelo pelo bom nome da corporação se estimulavam no cumprimento rigoroso dos seus deveres. Aboliram o logar para devolverem as suas funcções aos administradores de concelho, homens sem preparação, amoviveis, fluctuantes, impostos pelas facções politicas, com todos os vicios d'ellas. A desorganisação era inevitavel, fatal o descredito.

Mas o libello ficará para outra correspondencia. Agora reparo que esta já vae longa, e não desejo tomar demasiado espaço no *Povo de Aveiro*.

V.

De Lisboa

Lisboa, 26-5-910

. . . Sr. Homem Christo.

O seu jornal — *Povo de Aveiro* — está prestando um grande, um enorme serviço ao paiz. A sua coragem indomita faz tremer as quadrilhas, não obstante quererem mostrar que o despresam. O paiz ha de compensal-o dos sacrificios, dos perigos e dos trabalhos a que o Senhor se expõe.

Isto está tudo podre, corrupto, devasso, reles e cynico. A covardia dos homens que ainda se conservam honestos, e ainda ha bastantes, é medonha.

Nada explica a possillanimidade da parte sã do paiz que é innumera, mas é um facto incontestavel a sua atonia. Pergunta-se do que é que esta gente tem medo e ninguem responde. As quadrilhas dizem ahi por toda a parte que não deixarão funccionar o parlamento, que desde a primeira hora redobrarão de furia e obrigarão o governo a abandonar o poder.

Sabe-se que o rei diz que lhe custará muito a dar a dissolução da camara e como a lei diz que estas não podem fechar sem o orçamento estar votado, excepto se forem dissolvidas, calculam que não deixando funccionar o parlamento o governo tem de cahir.

Basta isto para trazer aterrados os governantes. E o terror é tanto que a commissão do orçamento, não se tem reunido para dar o seu parecer! Era natural que a commissão do orçamento tivesse trabalhado n'este intervallo das sessões, para ter o parecer feito e assignado afim de o apresentar no primeiro dia da sessão. Depois, se não quizessem applicar o regimento, expulsando os discolos e os energumenos, era natural que dessem sessões nocturnas para discutir este diploma, o que sempre se fez, e se porventura ainda assim não deixassem funccionar, fazia-o approvar no meio do tumulto e estava tudo acabado. A maioria não pode estar á mercê das quadrilhas nem o paiz privado das leis indispensaveis á sua vida normal.

Foi assim que foi approvado o actual regimento da camara dos deputados e ficou sendo lei que todos acatam. O Sr. Beirão sabe isto muito bem. Pois isto, que é simples, que é regular, que é curial, apavora os ministros, que estão tranzidos de medo. Nem levando na algibeira os cãesinhos que o sr. lhes offereceu, elles tomam coragem.

Nem injectando-lhe vida nas veias, com uma seringa, como lhes receitou o *Correio da Manhã*, se faz nada d'elle. Isto é phantastico, sr. Homem Christo! Esta gente parece que perdeu o decoro, a vergonha, a dignidade e não tem a comprehensão dos seus deveres, nem avalia a situação em que fica perante o paiz e os seus proprios correligionarios!

Uma vergonha, tudo isto!

O governo está abandalhando o poder e é por isso que se dão factos, como o do Tribunal de Contas, porque aquelles illustres cavalheiros sabem que não ha coragem de os metter na ordem.

O Arroyo queria ser ministro em Madrid, mas lá não o querem acceitar por causa da sua ascendencia e vae d'ahi o homem pregou então partida ao governo e ficou muito ancho com a bella obra que fez, não vizando os diplomas das vagas que se derem.

Se tivesse a certeza de que o governo pregava com elle e os collegas no meio da rua, ou pelo que agora fizeram ou pelo contrario, que fizeram durante largos annos, nem se atreviam a piar.

Mas do que é que o governo tem medo?

Os anjos que respondam.

Eu suppunha que os ladrões, os assassinos, os incendiarios, os adiantadores, os crapulosos, os devassos, os tratantes, é que deviam ter medo, mas succede exactamente o contrario, os homens de bem é que teem medo d'elles.

* * *

E a prova é que tudo quanto é tratante e devasso e corrupto faz o que quer, bate o pé, ergue a cabeça, carrega o sobr'olho e tudo fica subjugado.

O Abel d'Andrade que o partido progressista apadrinhou, quando João Franco o poz fora da direcção geral d'Instrucção publica, pregou-lhe agora a partida fazendo côro com Arroyo. Este *amigo*, que exerce dois logares incompativeis, membro do Tribunal de contas e do Supremo Tribunal Administrativo, e mais um terceiro no Conselho Superior d'Instrucção Publica, nem lhe tocam.

José Lobo, que passou o anno fóra, e só veio a Lisboa chamado para se associar á tramoia, não lhe tocam.

Teixeira de Sousa, que exerce tambem dois logares incompativeis, Administrador Geral das Alfandegas e Director do Banco Ultramarino, não lhe tocam.

Moreira d'Almeida, director da companhia dos Assucares de Moçambique e do celebrado Banco Lusitano, onde o governo tem perdido dezenas de contos, não lhe tocam!

Ressano Garcia, que é membro de varias companhias, onde se apontam grossas borbulhas, que anda ha tantos annos para apresentar o relatorio da ultima exposição de Paris e auctor de varias proezas, não lhe tocam.

A. J. Centeno, director que é ou foi da companhia do gaz, onde ha pouco se deu um roubo e se indicam varias proezas e até havia reuniões para revoluções apadrinhadas por elle, Alpoim e quejandos, não lhe tocam.

Emfim seria um nunca acabar se proseguissemos n'este sudario. Estas quadrilhas teem tudo a seus pés, ministros, juizes, auctoridades, tudo, tudo, está acobardado diante de tanta audacia!

E pergunta-se porque se dá este extraordinario phenomeno e ninguem sabe responder. Mas tudo isso é um facto sem contestação; todos o conhecem, todos o veem, está á vista de todos, fazendo elles gala da audacia e da desvergonha.

O Rei tem medo d'elles; a Rainha tem medo d'elles; os ministros teem medo d'elles. O poder judicial tem medo d'elles; o poder executivo tem medo d'elles; o poder legislativo anda transido de medo pela audacia d'elles.

Elles fazem o que querem, elles e os seus amigos. Egas Moniz é lente da Universidade e passa a vida em Lisboa.

Affonso Costa é lente da Universidade passa do mesmo modo a vida a gaifonar pelo paiz a fora, e muitos outros andam na vida airada com applauso de todos.

O caso é saber metter medo. Em se unindo meia duzia que falem grosso, que escrevam meia dusia de baboseiras nas gazetas, fica tudo atterrado. Como se hade salvar um paiz assim?

Isto não tem remedio. São uma duzia d'homens, que estão governando este paiz e todos os mais de cocoras diante d'elles. Vae breve reabrir o parlamento e todos perguntarão: o que fizeram os ministros durante este tempo em que as camaras estiveram addiadas?

O que fizeram as commissões da camara, pois consta que não teem reunido e que o parecer do orçamento não está prompto? Nunca vi um governo a quem o paiz desse tanta força e se apresentasse tão fraco. E' apoiado pelo seu proprio partido, pelos jornaes extra-partidarios, como o *Correio da Manhã*, *Liberdade*, *Noticias de Lisboa*, *Portugal*, *Palavra* etc., etc. e mais ainda por toda a gente que não é politica e que tem a perder e vê o perigo nacional da queda do governo. Pois com todas estas forças não ha meio de incutir coragem a esta gente para metter na ordem a canalha. Onde se viu uma cousa parecida com isto?

Vae abrir-se o parlamento e ha de ver-se repetir as scenas vergonhosas e indecentes que o paiz presenciou, e isto sem o governo dar pretexto algum e só porque querem o poder, não para salvar o paiz, mas para se salvarem a si, e o governo não ha de ter um acto de coragem para expulsar, como determina o regimento da camara, os promotores de taes façanhas.

Aos primeiros barulhos ha de correr ao Paço e dizer ao rei:

Meu senhor, ou nos dá a dissolução ou vamo-nos embora, que é, afinal, o que elles querem.

E o Rei devia dizer: Nem lhes dou a dissolução, nem os deixo ir embora; governem; cumpram o seu dever, que é governar com a lei; afinal, a cousa mais facil do mnndo.

* * *

Não ha duvida nenhuma que o governo tem encaixada na cabeça a mania da dissolução, se os berradores e os pateadores continuarem com os mesmos processos.

Se o rei não lhes der a dissolução, caso os tumultos continuem deitam-se abaixo!

Isto antes de applicarem o regimento é a mais insigne cobardia de que ha memoria.

Esta attitude do governo tira-lhe immensa força e aliena-lhe as sympathias que o cercam. E' uma vergonha e até uma indignidade impropria d'homens que governam um povo e alem d'isso uma prova de medo dos diversos Affonsos Costas, Teixeiras de Sousas e Alpoins.

Que potreia de governo!

Mas, emfim, não se pode obrigar um borrego a fugir como uma lebre.

Nem a offerta dos seus cãesinhos lhes dá coragem. Sei que alguns individuos vão fazer aos ministros um valioso presente de tomates para a salada do jantar, a ver se este manjar lhes dá vigor, coragem, energia e vergonha!

A. P.

Provincias

Moita.

Como já ha dias que não se vendia o *Povo de Aveiro* aqui na Moita, os republiqueiros já andavam contentissimos, dizendo que era menos um azorrague que tinham para lhe vergastar a lombeira. Realmente estava já a fazer grande falta este jornal, que não se vendeu aqui nos dois ultimos domingos por a republicanagem ter ameaçado o vendedor que os trazia de Lisboa. Estou convencido que é o unico jornal que é lido do principio ao fim, porque do principio ao fim, mais ou menos, chega a roupa ao corpo dos salvadores das batatas, digo da Patria.

E então aqui na Moita, que os ha de primeira ordem!

Ha dias estava um João Padre-Nosso na taberna do Augusto Tanoeiro, a lêr o *Mundo*, e chegou um sujeito ao pé d'elle com o *Povo de Aveiro* e pediu-lhe para elle tambem o lêr; o Padre-Nosso disse logo que não lia o *Povo de Aveiro*, porque gente séria não lia tal porcaria; que as pessoas honradas só liam o *Mundo*.

Ora isto dito pelo João Padre-Nosso chega a ter graça, pois é um sujeito, que o que sabe lêr aprendeu-o nas prisões cellulares quando esteve a cumprir a pena que lhe foi applicada por matar um pobre homem, a quem quiz roubar uns queijos. Como o desgraçado resistisse, matou-o, e agora é um correligionario do Pechuga e do Petiz das Gravatas, por conseguinte, um *homem honrado*, que não pode lêr o *Povo de Aveiro!* E querem estes jacobinos que os homens sérios vão para o partido d'elles! Isso é que não póde ser, meus meninos, porque vocês constituem um partido muito pôdre, e sem pudor. Parece impossivel que estejam n'esse partido da Moita dois homens sérios! Mas a razão explica-se. Um está lá por conveniencias. O outro vae na onda. Pois hão de ganhar muito com isso!

Grande malta, uns, pobres patetas, outros, que julgam encher a barriga com a republica, como se depois ficassem todos ricos ou não tivessem de trabalhar para comer. Talvez o João Padre-Nosso imagine que em vindo a republica deixa de cavar, de semear batatas, e que vae ser ajudante do Faz-tudo. Pobre pateta!

Tenho grande reportorio, mas para não tomar muito espaço n'este tão apreciado *Povo de Aveiro*, irei dizendo a pouco e pouco.

Um thalassa.

—†—

Thomar.

Temos visto a vida deploravel dos Araujos, principaes redactores do *Rebate*, os que lhe dão o cunho mexeriqueiro e reles, lançando alli a bilis peçonhenta contra tudo e todos, esquecendo a miseria dos seus actos para só pensarem em babar os que os trazem ao largo. Corridos de todos os lados, assentaram arraiaes na esterqueira republicana, onde foram lançar mais uma nodoa. Ahi é que é estar, porque o monturo ainda pode com mais esse producto de infecção, que transita ora d'aqui para Lisboa, ora de Lisboa para esta cidade. Não teem parança os desalmados e ninguem os quer. Só o *Rebate* lhes está a caracter. Que moralidade e que jornal!

E' de pasmar a historia de todos elles, da qual, com repugnancia, só levantámos ainda a ponta do véo.

Raivosos contra tudo e todos engendraram o immundo *Rebate*, para descarregar sobre os que lhes não dão guarida as infamias que germinam no seu espirito deentio e mau. Eil-os ahi com aquella indecente arma de combate, mas esqueceram-se de blindar as suas testadas, por isso estão soffrendo agora tratos de polé como merecem. Dizer e inventar era agradavel ao seu espirito de fuinhas, mas esqueceram-se de que tambem tinham ouvidos para ouvir o relato das suas miseraveis façanhas, que continuaremos a pôr a claro aos nossos leitores para admiração e pasmo de tanta insensatez e imbecilidade. O que é extraordinario e surprehendente é que a *Verdade*, que, como vimos, já uma vez deixou de ser a *Mentira*, parece querer cristalisar novamente na primitiva forma, por isso que quando se refere á exoneração da commissão da misericordia do Araujo, insinua ter-se dado para evitar o seu voto na questão do capellão, quando a Mentira sabe bem que esse voto se não daria, porque o Araujo e o seu familiar Motta ha muitos mezes não frequentavam as sessões, tendo, pelo que se refere ao Mathias Araujo esta resolução sido tomada, porque a enfermeira só é paga para tratar os doentes. Uma questão de moralidade á força obrigou pois este sujeito a sair donde nunca devia ter entrado. E a *Mentira* uma vez mais pisou terreno falso na defeza d'este recente correligionario, que, aqui lh'o afirmamos agora, não conterá muito tempo debaixo das suas bandeiras, porque, irrequieto e inconstante, não tem norte, nem orientação, provando de tudo mas sem ter paladar para nada. E dito isto vamos tratar do Cesar Gonçalves (o Cebola), director do *Rebate*, pedindo desculpa da nossa falta de consideração para com tão levantado e eximio vulto, porque um director, ainda que seja do *Rebate*, não é qualquer coisa; sempre se é director, e n'este caso com honra e gloria, porque está superior aos Araujos e Jesuino.

Isto não é pouco, sr. Cebola.

Desculpe pois não o desencantarmos primeiro do que os outros, mas merecemos perdão pelas razões já apresentadas.

Aqui todos conhecem o Cebolita ha muito; é a *heade of garliche* — cabeça d'alhos. Quem olhar para elle vê logo que está ali um pateta alegre, de dentadura alva, com risinhos e gestos pequenos, simples e indecisos. Emfim, um cabeça de alhos.

Mas não illudam as apparencias porque a *manha* é sempre inherente a typos d'esta ordem. E senão veja-se.

Tem o Cebola uma tenda, uma mercearia sita, parecendo que deveria com tão fraco ramo de negocio viver atrapalhado; mas não; governa-se *admiravelmente!* Porque? Porque se engana sempre, *a seu favor*, nas contas de *sommar* e nas contas de *diminuir*.

E sabe comprar... como ninguem. Sendo incumbido por um velho amigo de comprar uma casa e quintal comprou-a com tão *rara habilidade* que ficou com ella, em vez de ficar com ella o amigo. Ensaios do *futuro regimen!*

O sogro, sim. Esse tem-se visto atrapalhado, coitado. Já apanhou seis mezes de cadeia e parece que foi esse titulo de martyrio que o elevou ás funcções que ora exerce de presidente da commissão municipal republicana. A questão dos caminhos de ferro, a questão Vistulo, em que se viu a braços com uma exigencia de quatro centos mil reis, questões de que o salvou um amigo nosso, teem-lhe dado agua por a barba. Vae vendendo as propriedades, coitado, para saldar dividas. Esse tem-se visto afflicto. Mas o genro, o Cebola, vae governando a vida admiravelmente, não constando que esteja em proximidades de fallencia, sendo um mysterio a sua vida.

Ha más linguas que combinam as duas situações relacionadas de tal modo como se fossem alcatruzes indo uns para baixo e outros para cima.

Que se arrangem, dizemos nós, mas a moralidade do caso pode ser tratada pelo *Rebate*, porque o director tem as suas columnas ás suas ordens. Emfim, isto é tudo um charco, e o *Rebate* e a *Mentira*, onde cairam estes redactores impollutos que se julgam no direito de julgar os outros, dizendo advogar a causa da justiça e da *dignidade*, deviam primeiro desinfectar-se e purificar o ambiente que respiram. Bonito corpo de redacção, não ha duvida, mas falta ainda o resto, de que a seguir trataremos. A causa republicana vae de vento em pôpa com semelhantes advogados, não ha duvida, e que o diga o comicio celebrado nos Casaes, onde os moralistas Araujos deram pasto á fluencia das suas perorações aos seus trinta ouvintes, que, aborrecidos de tanta tolice, foram tocar gaita e bailar. Já é ter pouca sorte. Nem os Casaes os aturam.

Terminaremos esta correspondencia com alguns conselhos, sendo o primeiro ao nosso biographado Cebola, ao qual diremos que se recolha á vida pacata e burgueza donde não deveria ter sahido, por isso que algum entalão o espera podendo ver marchar d'um dia para o outro as passitas e o quintal e casa que tão habilmente adquiriu, visto que os processos estão caros, e os Araujos estão a tinir. O Cebola fica um dia sem casca pela certa. Acautelle-se pois, e os Araujos ao largo. E' conselho d'amigo. Ao Antonio d'Almeida e Silva, ferrageiro, que tanto berra ás vezes, diremos tambem que não seria mau gritar menos e ver mais. A freguezia deve ter augmentado muito desde que metteu no estabelecimento o director do *Rebate*, Antonio Mathias d'Araujo.

Não deve ter descanço com tal caixeiro, mas se nos permittisse o conselho dir-lhe-hiamos que querendo matar-lhe a fome e á sua conserte faria melhor mandar-lhe a lata do rancho para bem longe do estabelecimento. Aproveite o conselho e não se arrependerá.

Continuaremos.

O Correspondente.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrela a 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59 João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104;

F., Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade. **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Selxal**—Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Nruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata. **Guarda**—José dos Santos.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria. **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**-Antonio Vazão. **Gouveia** Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Moneiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Ceia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escallos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Pavia**—José Couto Segundo. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Miranda do Corvo** *(Espinhal)*—Augusto Duarte Bento. **Caldas da Rainha**—José da Silva Dias, rua de S. Sebastião, 3 e 5. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120.

Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

LOTERIA

DA

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

100:000$000 RS.

EXTRACÇÃO a 10 de junho de 1910

BILHETES A . . . . . 40$000

VIGESIMOS A . . . . . 2$000

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 0|0 de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa 11 de abril de 1910.

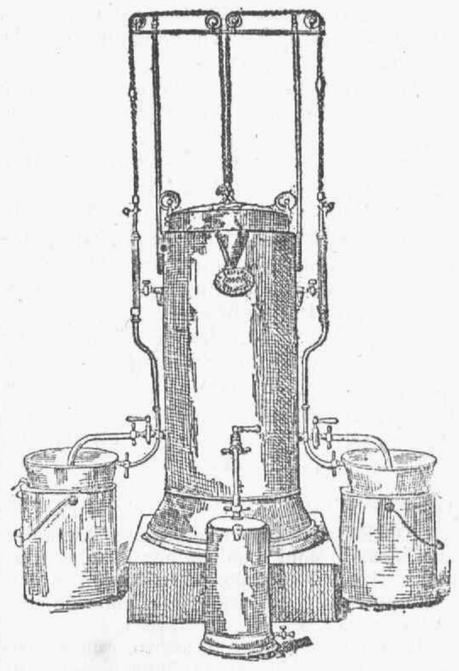
O thesoureiro,

L. A. d'Avellar Telles.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA